

KUBATA

Gabarito

Prefácio

Olá! Bem-vindo à décima edição da Olimpíada Brasileira de Linguística!

Esperamos que esta edição, em casa, nos ajude a reconhecer e integrar as presenças de origem indígena, africana e sul-americana no Brasil e cultivar melhor nossa casa comum com todos os povos e os seres em geral.

Essa prova tem 24 questões de múltipla escolha. Você pode resolvê-la a qualquer momento entre as 12:00 do dia 30 de setembro e as 23:59 do dia 04 de outubro de 2020. Você pode fazer a prova pelo aplicativo (celular, tablet, etc.) ou no browser do seu computador, com uma novidade: este ano não haverá cronômetro. Assim, você poderá resolvê-la durante o tempo que quiser destes 5 dias.

Quando terminar a prova, você precisa clicar no botão "Finalizar", para enviar suas respostas aos nossos servidores. Esse envio precisa ser feito até as 23:59 do dia 04 de Outubro.

Não se assuste. Para fazer esta prova, você não precisa conhecer línguas ou linguística; seu raciocínio e seu conhecimento de mundo devem ser totalmente suficientes para resolvê-la. Mas é claro, quanto mais ampla for sua cultura linguística, mais fácil (e mais divertido) será. Não é necessário usar a internet nem outra fonte de pesquisa: queremos que você confie em si mesmo para desvendar os padrões linguísticos. O gabarito da prova será divulgado nos dias seguintes ao fim da prova, na sua área restrita do site. Boa caminhada!

Esta prova contém problemas compostos por

Artur Corrêa Souza, Bruno L'Astorina, Caio Grago Rodrigues, Cynthia Herkenhoff, Eduardo Cardoso Martins, Germano Tiebohl Martinelli, Gustavo Palote, Janaína Weissheimer, João Henrique Fontes, João Pedro FG, Kleveland Cristian Barbosa, Leonardo da Costa Meireles e Rodrigo Pinto Tiradentes.

Além disso, ela foi editada, testada e revisada por

Artur Corrêa Souza, Bruno L'Astorina, Cynthia Herkenhoff, Gustavo Palote, Eduardo Cardoso Martins, Felipe Petilo, João Henrique Fontes, Pedro Martins Leão, Rafael Righetto, Rodrigo Pinto Tiradentes e Vlad Neacșu

#1 · Zupzdiduiu

É comum crianças pronunciarem *pote* ao tentarem falar *bode*, substituindo sons consonantais da palavra por outros com um tipo particular de similaridade. Algumas vezes, trocar os sons consonantais desta forma gera outras palavras que existem na língua, como quando se troca *porta* por *borda*, ou *vaga* por *faca*. Em qual das palavras abaixo, ao se fazer o mesmo tipo de substituição descrito acima, não se tem uma nova palavra?

a) selo

b) toca

c) poda

d) vaza

e) vida

— Artur Corrêa Souza

Resposta: B

A regra do jogo, que poderia ser deduzida pelos exemplos (bode/pote, porta/borda e vaga/faca), é trocar entre pares de consoantes (aqui estamos falando, naturalmente, de sons consonantais e não de letras) que são articuladas no mesmo local e do mesmo modo na boca, com a diferença de que **uma vibra as cordas vocais** (vozeada) e **a outra não vibra** (desvozeada). Isso poderia ser percebido diretamente pelos estudantes, falando essas consoantes e, por exemplo, colocando a mão na garganta.

Pares desse tipo incluem pa/ba, fa/va, ta/da, ca/ga. A regra é trocar todas as consoantes da palavra pelo seu par vozeado ou desvozeado. Algumas consoantes não são trocadas, seja porque não possuem um par correspondente (é o caso do ‘l’), seja porque o par não possui uma representação escrita distinta (é o caso, por exemplo, das fricativas velares [x] e [χ], ambas existentes em variantes do português brasileiro, mas ambas representadas com ‘r’ ou ‘rr’). Podemos observar também o nome da questão, “Zupzdiduiu”, em que foi feita a substituição descrita no problema na palavra “Substituiu”.

Com isso, analisando as alternativas:

a) selo ⇒ zelo s/z, l

b) toca ⇒ **doga** t/d, c/g (doga não é uma palavra do português)

c) poda ⇒ bota p/b, d/t

d) vaza ⇒ **faça** v/f, z/s

É importante lembrar que estamos trocando sons e não letras.

A grafia ‘fava’ produziria uma vogal com som [z].

Na grafia ‘faça’, ‘ç’ tem som de [s]; essa é uma palavra do português.

e) vida ⇒ fita v/f, d/t



#2 · Caracol

Reconhecer as palavras do nosso dia-a-dia é fácil, porque conhecemos a língua. Mas, essa tarefa pode ser complexa quando queremos aprender uma língua nova. Na escrita, ainda conseguimos em muitos casos identificar as palavras pela separação em espaços em branco. Já na oralidade, as palavras são faladas em um fluxo contínuo, com menos pausas do que imaginamos ter. Então, para um linguista estudar uma língua com poucos registros, como é o caso de muitas línguas indígenas, segmentar as frases em palavras é uma tarefa complicada. Mais difícil ainda é para os bebês! Eles precisam reconhecer palavras, sílabas e fonemas enquanto aprendem sua primeira língua (ou línguas, no caso dos bilíngues e plurilíngues).

Com o poema “Caracol”, de Augusto de Campos, podemos brincar de reconhecer palavras e fazer uma leitura literária.

c o l o c a r a m a s
c a r a c o l o c a r
a m a s c a r a c o l
o c a r a m a s c a r
a c o l o c a r a m a
s c a r a c o l o c a
r a m a s c a r a c o
l o c a r a m a s c a
r a c o l o c a r a m
a s c a r a c o l o c
a r a m a s c a r a c
o l o c a r a m a s c
a r a c o l o c a r a
m a s c a r a c o l o
c a r a m a s c a r a

Das imagens abaixo, qual não representa uma palavra ou expressão que é expressa ou sugerida no poema?

a)



b)



c)



d)



e)



— Rodrigo Pinto Tiradentes



Resposta: D

O poema de Augusto de Campos apresenta duas sequências de texto principais. Se lermos apenas os trechos em negrito, observamos a repetição da palavra “caracol”, através de trechos que sugerem um movimento encaracolado, espiralado. Logo, podemos excluir as opções (a) e (c).

Ao mesmo tempo, se lermos na horizontal, ignorando os trechos em negrito, encontramos a repetição de outra sequência: “colocar a máscara”. Podemos, então, excluir a opção (e). Além disso, também podemos excluir a opção (b), porque podemos ler a palavra “cara” dentro de “caracol” e de “máscara”.

Resta a opção (d), que apresenta um cocar do povo indígena brasileiro carajá. Embora as letras que compõem a palavra “cocar” se repitam bastante, não encontramos a palavra nas duas sequências de texto descritas acima. Além disso, a imagem poética do cocar parece não se adequar à interpretação do poema. De um lado, a relação entre “caracol”, “cara” e “máscara” é evidente: o casco do caracol desenha um movimento “para dentro”, assim como o caracol se recolhe em sua concha, uma pessoa encobre seu rosto, sua cara com uma máscara, e o poema esconde a frase ao chamar atenção para a palavra “caracol”. De outro lado, a imagem do cocar é oposta a esse movimento: ela expõe, evidencia, ressalta o rosto.

Assim, para lermos o poema, precisamos segmentar um mesmo conjunto de grafemas de duas maneiras: “colocar a máscara colocar a máscara” e “col ocaramas caracol ocaramas cara”.

Para apreciar melhor o poema, vale a pena ouvir sua leitura nas vozes do autor e de Lygia Campos (<https://soundcloud.com/marilia-garcia-205759923/caracol>) e ver o vídeo-poema produzido pelo autor junto com Cid Campos (<https://youtu.be/VHiVIAKhYWo>).

Para saber mais sobre segmentação:

- Glossário CEALE: segmentação de palavras:
<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/segmentacao-de-palavras>
 - Artigo ‘O Mundo aos Pedacos’, Revista Roseta:
<http://www.roseta.org.br/pt/2020/02/27/o-mundo-aos-pedacos-como-a-segmentacao-nos-ajudar-a-compreender-estimulos/>
-

#3 · Bodskad



<https://youtu.be/b2icUnpU1lk>

O Tibete, como muitas outras regiões da Ásia, mantém dois calendários simultaneamente: o *phölo* (བོ་ལོ་ལོ་ལོ་, lit. “ano tibetano”), calendário lunar tradicional, e o *cilo* (སྐུ་ལོ་ལོ་ལོ་, lit. “ano oficial”), correspondente ao calendário gregoriano. O vídeo acima é de uma música tibetana chamada *Lokhor Junyi*, (ལོ་ལོ་ལོ་ལོ་ལོ་ལོ་ལོ་ལོ་ལོ་) que fala dos dez primeiros meses do ano, no calendário *cilo*.

Nota: a transliteração usada neste problema foi escolhida para evidenciar a pronúncia das palavras e não sua grafia, como faz a transliteração mais usual (Wylie). c é parecido com o ‘tch’ em ‘tchau’; h indica aspiração da consoante anterior; ny é pronunciado como o ‘nh’ em ‘nhoque’; tr é pronunciado como o ‘t’ do português mas com a ponta da língua virada para trás.

Qual é o verso que introduz o mês correspondente a maio?

- a) da.wa.sum.pa.shar.chung.re.lo
- b) shi.pe.khu.chuk.trak.chung.re.lo
- c) nyi.pe.gya.cang.ngo.chung.re.lo
- d) da.wa.gu.pa.shar.chung.re.lo
- e) da.wa.nga.pa.shar.chung.re.lo

— João Henrique Fontes



Resposta: E

É possível perceber que cada estrofe da música tem a seguinte estrutura:

A-*chung.re.lo*
B-*chung.re.lo*
B-*chung.sam.drub.yar.pel.lag* (x2)

Essa mesma estrutura se repete 5 vezes. Além disso, todos os versos A têm a mesma estrutura:

da.wa.__.pa.shar.chung.re.lo

Com essas observações e considerando que o enunciado da questão deixa claro que a música fala de 10 meses do ano, é o mais natural pensar que o Verso A fala de um mês e o Verso B do mês seguinte, seguindo na ordem até chegar ao décimo. Sabendo disso, basta ouvir o primeiro verso da terceira estrofe, pois este será o quinto mês, maio.

Em tibetano, os meses do calendário cilo recebem nomes da forma **da.wa.X.pa** (ཇ་ལ་ཨ་མ་པ་མ་པ་), que podem ser decompostos da seguinte forma:

- **da.wa** significa ‘lua’, e por extensão, ‘mês’ (da mesma forma, **nyima** (ཉི་མེད་), que significa ‘sol’, também significa ‘dia’).
- **X** é o número do mês (no caso de maio, **da.wa.nga.pa** (ཇ་ལ་ང་པ་), o número é **nga** = 5)
- **pa** é um sufixo ordinalizador, que toma outra forma apenas no primeiro mês, **thang.po** (ཐང་པོ་).

Quanto ao final dos versos, **chung** (ཇ་ལ་ལ་) é um auxiliar que indica passado e **re.lo** é apenas uma interjeição da música. Assim, as estrofes dizem o seguinte:

*O primeiro mês chegou
Do segundo, o salgueiro ficou verde
Do segundo, o salgueiro ficou verde! Que os desejos se realizem, que tudo cresça!*

*O terceiro mês chegou
Do quarto, o cuco cantou
Do quarto, o cuco cantou! Que os desejos se realizem, que tudo cresça!*

etc.

A música está disponível no YouTube (<https://youtu.be/b2icUnpU1lk>), com tradução para o inglês na descrição. Ela está disponível também em **khaita.com** (<https://khaita.com/songs/lokhor-junyi>), site que reúne diversas músicas tibetanas, com suas letras originais, transliteradas usando o sistema Drajyor e traduzidas para o inglês.



#4 · Ordem Espontânea

Este problema é um crossover com a OBECON, explorando as interfaces entre linguística e economia. Para saber mais, participe em obecon.org

Existe um ramo da economia, chamado *economia evolucionária*, que procura descrever a área a partir de jogos de forças que se tornam causas de mudanças, ou seja, de processos que produzem uma certa sequência de eventos e entidades. O economista F. A. Hayek resume a visão evolucionária da economia da seguinte forma: “o problema econômico da sociedade é basicamente uma questão de se adaptar rapidamente às mudanças das circunstâncias particulares de tempo e lugar”.

Um conceito importante para as teorias evolucionárias é o de ordem espontânea: a ideia de que alguma forma de organização pode emergir sem precisar ser *planejada*, isto é, sem a necessidade de que algum tipo de agente determine o seu curso. À luz desse conceito, diversos economistas interpretam os mercados como uma ordem espontânea, já que os preços agem como transmissores de informação, incorporando informação descentralizada.

A perspectiva evolucionária, incluindo o conceito de ordem espontânea, tem paralelos interessantes com outras áreas do conhecimento, entre elas a linguística. Qual das afirmações abaixo relaciona corretamente o conceito de ordem espontânea com as perspectivas dos estudos linguísticos?

- a) As línguas não se caracterizam por possuir ordem espontânea, porque aprendemos a falar corretamente nas aulas de gramática da escola.
- b) As línguas planejadas, como o esperanto, possuem ordem espontânea, pois sua organização e coerência emergem a partir de um grupo pequeno de pessoas.
- c) As línguas, na forma como faladas no cotidiano, possuem ordem espontânea, assim como os mercados, e por isso é que se pode prever com grande precisão o futuro das línguas e o futuro dos mercados.
- d) Devido à ordem espontânea das línguas, não há como conter a variação na fala que ocorre de um lugar para o outro, de um grupo para outro e até de um século para outro.
- e) A internet, por fazer com que diferentes variantes da língua interajam entre si com uma grande frequência, fez com que a ordem espontânea desaparecesse das línguas.

— João Pedro FG



Resposta: D

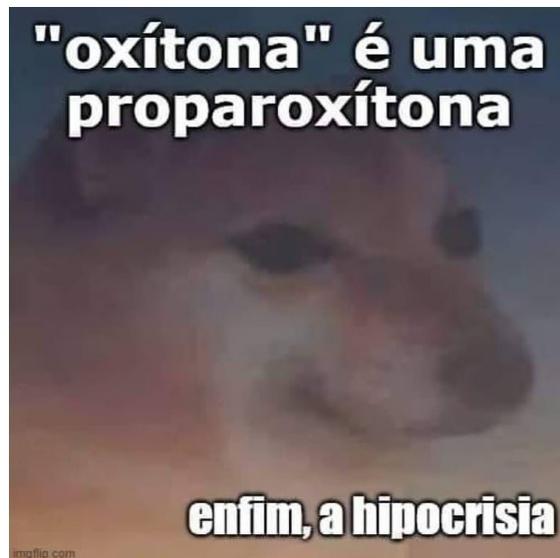
O problema apresenta um conceito econômico e busca explorar como esse conceito pode ser aplicado nas dinâmicas da língua. A descrição menciona elementos como “organização pode emergir sem ser planejada”, “sem a necessidade que um agente determine o seu curso”, “incorporando informação descentralizada” e “se adaptar às mudanças das circunstâncias particulares de tempo e local”. Tudo isso se aplica de forma direta a como entendemos o funcionamento das linguagens humanas: sempre mudando no tempo e no espaço, reagindo a transformações descentralizadas e relativamente resistente a tentativas de mudança planejada.

De fato, a tensão entre espontâneo e planejado está na raiz das críticas que os linguistas fazem à noção de *gramática prescritiva* ou *normativa*, apontando que insistir no que a língua *deveria ser* é ingênuo, pois subestima, ignora, e muitas vezes esconde o que a língua *efetivamente é*, e também como se dão seus processos naturais e espontâneos (muitas vezes, a perspectiva normativa também esconde os processos sociais subjacentes, como por exemplo os preconceitos sociais associados à defesa do “falar correto”). É claro que, em diversos níveis, o planejamento linguístico tem efeitos sobre a língua real, por exemplo quando um Estado toma certas línguas como oficiais no serviço público e nas escolas, ou quando movimentos sociais disputam certos usos da língua. Mas na maior parte do tempo, a língua segue suas próprias dinâmicas, que estão além dos desejos ou planos de indivíduos. Isso nos faz concluir que a alternativa correta é a (d).

Vamos analisar as demais alternativas. Na (a), as aulas da escola que seguem viés prescritivo são um exemplo de ação planejada sobre a língua, o que é o oposto de ordem espontânea. A (b) mostra um exemplo de planejamento que são as *línguas construídas* ou *línguas artificiais*, cuja ordem surge primariamente da intenção explícita dos criadores da língua, e não espontaneamente de um grupo de falantes (embora, em alguma extensão, as línguas construídas também se transformem espontaneamente conforme mais falantes passam a utilizá-la). A (c) fala de previsibilidade, que também é oposto à ideia de ordem espontânea; embora a Linguística estude e identifique algumas tendências nos processos de mudança, é certo que os resultados particulares não são totalmente previsíveis. Quanto à (e), mudanças sociais apenas adicionam novos fatores nas dinâmicas da língua, é impossível que façam as línguas deixarem de ser espontâneas.

Por fim, é importante notar que, quando fazemos interface entre conceitos de áreas distintas, sempre há semelhanças e diferenças. A ordem espontânea nos movimentos econômicos e a variação natural das línguas tem implicações teóricas e políticas distintas na economia e na linguística. Para citar um exemplo: enquanto na linguística esse entendimento fornece subsídio para a defesa da diversidade de línguas e de variantes de uma língua, na economia é frequente (mas há notáveis exceções) que o princípio de espontaneidade apoie políticas liberalizantes, de desregulação dos mercados *a despeito* das consequências sociais negativas que isso traga. O próprio autor citado no problema, Friedrich Hayek, se associou diretamente a ideias e práticas neoliberais em seu tempo; para além disso, entretanto, suas ideias foram muito influentes na ciência econômica, dando subsídios a autores de diferentes correntes e a gestores públicos de diferentes partes do espectro político.

#5 · Enfim, a Hipocrisia



Fonte: Noam, @OLinguisticao

Proparoxítona é proparoxítona e substantivo é substantivo. Chamamos estas palavras de **autológicas**, quando descrevem algo que são ou possuem.

Ao contrário, oxítona não é oxítona e adjetivo não é adjetivo. Chamamos estas palavras de **heterológicas**, quando descrevem algo que não são nem possuem.

Essas definições aparecem de um jeito interessante em um artigo de filosofia de 1908, dos alemães Kurt Grelling e Leonard Nelson. O tema, conhecido como **paradoxo de Grelling-Nelson**, aponta que é impossível determinar se os adjetivos “heterológico” e “autológico” são heterológicos ou autológicos. Se “heterológico” for heterológico, então é autológico, e vice-versa. Se “autológico” for autológico então é autológico, e se for heterológico então é heterológico, mas as duas definições são mutuamente excludentes.

Marque a alternativa que seja totalmente hipócrita, ou seja, que contenha *apenas* palavras heterológicas:

- a) masculina, inglês, singular, invariável
- b) palíndromo, acentuado, abstrato, inexistente
- c) sigla, palavra, cachimbo, símbolo
- d) curto, comprido, escondido, feminino
- e) **impronunciável, eufemismo, abreviado, monossílabo**

— Caio Graco Rodrigues, Eduardo Cardoso Martins, Cynthia Herkenhoff



Resposta: E

Em cada alternativa, marcamos em negrito as palavras autológicas.

a) *masculina, inglês, **singular**, invariável*

‘masculina’ é uma palavra feminina; ‘inglês’ não é uma palavra inglesa; ‘invariável’ é variável, pois pode estar no plural (invariáveis). Porém, ‘singular’ é uma palavra no singular, logo é autológica.

b) *palíndromo, acentuado, **abstrato**, inexistente*

‘palíndromo’ não é palíndromo (como ‘ovo’ ou ‘Socorram-me subi no ônibus em Marrocos’); ‘acentuado’ não é acentuado; ‘inexistente’ pode ser encontrada em textos e até mesmo em dicionários, logo existe. Porém, ‘abstrato’ é um adjetivo que denota uma qualidade abstrata, ou seja, não podemos perceber se algo é abstrato através dos sentidos (como ‘vermelho’, ‘doce’ ou ‘quente’), logo é autológica.

c) *sigla, **palavra**, cachimbo, símbolo*

‘sigla’ não é uma sigla; ‘cachimbo’ é só o nome do cachimbo, não o cachimbo*. Porém, ‘palavra’ é uma palavra, e ‘símbolo’ é um símbolo porque toda palavra é um tipo de símbolo (afinal, associa arbitrariamente uma sequência sonora a um significado). Logo, ambas são autológicas.

d) *curto, **comprido**, escondido, feminino*

‘escondido’ não é uma palavra escondida (você provavelmente a está lendo às claras, sem dificuldades); ‘feminino’ é uma palavra masculina. Porém, ‘curto’ é uma palavra curta e ‘comprido’ é uma palavra comprida, logo são autológicas.

e) *impronunciável, eufemismo, abreviado, monossílabo*

‘impronunciável’ é pronunciável; ‘eufemismo’ não é um eufemismo, ‘abreviado’ está escrito por inteiro e ‘monossílabo’ é uma palavra com cinco sílabas. Logo, todas as palavras são heterológicas.

* É interessante observar a presença da palavra ‘cachimbo’, que está bem no meio, no coração deste problema. Essa palavra certamente é heterológica, porque os substantivos não são o objeto que designam, são apenas a sua designação, mas ela remete à célebre reflexão proposta por René Magritte em seu quadro *A traição das imagens*, que mostra a figura de um cachimbo e a frase *Ceci n'est pas une pipe* (‘Isso não é um cachimbo’). Com isto, o quadro queria dizer que uma imagem não é uma coisa, mas apenas uma alusão, uma abstração da coisa. Isso fazia parte de uma série de críticas que as vanguardas artísticas do início do século XX faziam à ideia de que a arte deveria “representar a realidade”.



#6 · Desvio de Verbo



<https://youtu.be/HmEaDUc2oto>

Em qualquer campo ou área de estudo existem **jargões**, palavras específicas de certo nicho, que servem para especificar ou delimitar exatamente o que se quer dizer, sem ambiguidades. Em muitos casos, porém, os termos surgem a partir de palavras que já existiam na língua, possuindo um sentido distinto do seu emprego específico. Não é diferente com a sintaxe, que estuda as funções das palavras na frase. A partir disso, assista a esquete acima, produzida pela *Cia. Barbixas de Humor*.

Assinale a palavra que possui na esquete somente o mesmo significado do contexto da análise sintática.

- a) verbo
- b) radical
- c) sujeito
- d) oração
- e) agente

— Artur Corrêa Souza

Resposta: A

As línguas variam de acordo com o tempo, a localização, o estrato social, etc. Essas variações podem incluir a pronúncia, a gramática e as escolhas de palavras. No caso de grupos especializados, como profissões específicas, muitas vezes há a necessidade de um registro próprio, mais preciso ou mais abstrato. No caso do vocabulário da sintaxe, muitas das palavras utilizadas também possuem um sentido mais geral ou mais concreto na língua. Algumas dessas palavras são utilizadas na escola; outras, apenas no ambiente profissional dos linguistas. As palavras das alternativas e seus usos na esquete são, então:

- a) verbo como classe de palavra.
- b) radical como parte lexical de uma palavra;
 como sinônimo de *violento*, *brusco*.
- c) sujeito como parte da oração;
 como abreviação de *sujeito criminal*, *aquele que cometeu um crime*.



- d) oração como tipo de sentença;
 como sinônimo de *reza* ou *prece*.
- e) agente como papel na oração;
 como abreviação de *agente policial*.

Das palavras acima, apenas **verbo** é utilizada somente como termo sintático. Além disso, o que cria um dos efeitos cômicos da esquete é a similaridade entre ‘verbo’ e ‘verba’.

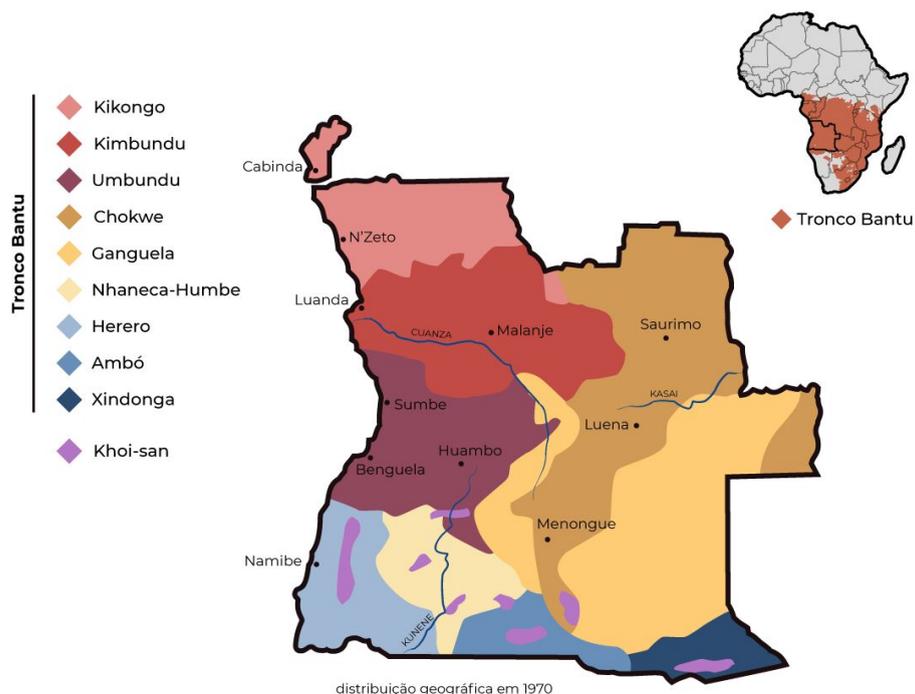
Outros termos que aparecem na esquete incluem:

- análise como abreviação de *análise sintática*;
 como abreviação de *análise policial, investigação*.
- condicional como modo verbal;
 como abreviação de *liberdade condicional*.
- vocativo como caso gramatical;
- 3ª pessoa como pessoa gramatical;
 como *uma terceira pessoa física*.

Além dos jargões, mais para o final da esquete, são utilizadas palavras comuns mas que contém similaridade com algum jargão, ou jargões similares à palavras comuns; da mesma forma que ‘verbo’ parece ‘verba’: *objeto indo direto* (objeto direto), *aposto* com tônica ô (aposto com tônica ó), e *pronome* (pôr nome).

#7 · Ciclo Kimbundu 1: Com Classe

O tema desta edição enfatiza as línguas africanas em geral e a língua kimbundu em particular. Os problemas 7, 8 e 9 compõem um ciclo temático sobre a língua kimbundu. Eles são melhor aproveitados se forem resolvidos juntos e em sequência. Aproveite!



O kimbundu é uma das principais línguas nativas da Angola, junto com kikongo, umbundu, chokwe e diversas outras. A maioria delas pertence ao tronco Bantu, que abarca toda a África meridional. O tronco Bantu, por sua vez, pertence à grande família Níger-Congo, que inclui a maior parte das línguas do Golfo da Guiné, desde a Nigéria até o Senegal.

Além da Níger-Congo, outras famílias linguísticas importantes habitam o continente, como a Afroasiática (o que inclui muitas línguas do Saara e do Chifre da África), a Nilo-saariana e as línguas Khoi-san (que também são faladas em regiões do sul da Angola). Algumas amostras dessas famílias vão aparecer nesta prova e nas seguintes.

Para começar, vamos ver como funcionam os substantivos em kimbundu. Nela e na maioria das línguas Bantu, o sistema de “gêneros” funciona de uma forma diferente do que estamos acostumados. Na tabela a seguir, estão nomes em português e sua tradução para kimbundu, em singular na segunda coluna e plural na terceira coluna.



| | | |
|----------------------------|-------------|------------|
| <i>pessoa</i> | mutu | atu |
| <i>cabeça</i> | mutwe | mitwe |
| <i>manhã</i> | kamene | tumene |
| <i>praça, mercado</i> | kitanda | itanda |
| <i>garfo</i> | ngalufu | jingalufu |
| <i>cozinheiro</i> | mulambi | alambi |
| <i>sapato</i> | sapatu | jisapatu |
| <i>fígado, coração</i> | muxima | |
| <i>relógio</i> | loloji | (1) |
| <i>dedo</i> | | milembu |
| <i>vento</i> | | itembo |
| <i>avião</i> | | jivyaw |
| <i>madrugada</i> | (2) | tumenemene |
| <i>cambalhota</i> | kafumbololo | |
| <i>visitante</i> | mujito | (3) |

Marque a opção que preenche corretamente as lacunas 1, 2 e 3.

- a) jiloji, mumenemene, ajito.
- b) jiloloji, kamenemene, ajito.
- c) miloji, mumenemene, mijito.
- d) jiloloji, kamenemene, mijito.
- e) jiloji, kamenemene, mijito.

— Artur Corrêa Souza, Bruno L’Astorina

Resposta: B

O kimbundu, como diversas línguas bantu, agrupa os substantivos em várias classes nominais. No caso do kimbundu, são 18 classes. Essas classes são pareadas em singulares e plurais, perfazendo 9 “gêneros”. O problema permite deduzir os seguintes pares de classes:



- Classes 1 e 2: O par **mu - a** é usado prototipicamente para humanos (pessoa, cozinheiro, visitante);
- Classes 3 e 4: O par **mu - mi** é usado para muitas partes do corpo (cabeça, dedo, fígado).
- Classes 7 e 8: O par **ki - i** é usado para nomes diversos (vento, praça);
- Classes 12 e 13: O par **ka - tu** é usado para outros nomes (manhã, madrugada, cambalhota);
- Classes 9 e 10: O par \emptyset - **ji** é usado para muitas palavras que entraram como empréstimos do português (loloji = relógio; ngalufu = garfo; vyaw = avião; sapatu = sapato). Os nomes desta classe singular não recebem um prefixo específico (às vezes recebem *i-*, porém não aparecem no problema).

Desta forma, o problema nos introduz a 10 classes da língua kimbundu. Agora, utilizando os dados acima, podemos completar as lacunas. A distinção semântica entre humanos e partes do corpo era importante para escolher as formas de fígados, dedo e visitantes (*mixima*, *mulembu* e *ajito*).

| | | |
|------------------------|-----------------------|---------------------|
| <i>fígado, coração</i> | muxima | mixima |
| <i>relógio</i> | loloji | jiloloji (1) |
| <i>dedo</i> | mulembu | milembu |
| <i>vento</i> | kitembo | itembo |
| <i>avião</i> | vyaw | jivyaw |
| <i>madrugada</i> | kamenemene (2) | tumenemene |
| <i>cambalhota</i> | kafumbololo | tufumbololo |
| <i>visitante</i> | mujito | ajito (3) |

É importante observar que as distinções semânticas usadas no problema são relevantes mas não são uma “regra geral” das classes em kimbundu. De fato, existem nomes para humanos em diversas outras classes, como 3-4 (**muzangala/mizangala**, ‘jovem’), 5-6 (**dikamba/makamba**, ‘amigo’), 7-8 (**kingulungumba/ingulungumba**, ‘inimigo’), etc., bem como nomes de partes do corpo em outras classes, como 5-6 (**dizulu/mazulu**, ‘nariz’), 7-8 (**kiyala/iyala**, ‘unha’) e mesmo 9-10 (**thulu/jithulu**, ‘peito’). Além disso, as classes 9-10 possuem várias outras palavras que não são empréstimos – incluindo, curiosamente, várias palavras que foram emprestadas, ao contrário, do kimbundu para o português: **mbunda/jimbunda**, ‘bunda’, **fuba/jifuba**, ‘fubá’, **mbambi/jimbambi**, ‘gazela’.

Para completar a lista das classes: as classes 11 (**lu-**) e 14 (**u-**) são ambas singulares e não possuem uma classe plural correspondente – suas palavras pegam emprestado os plurais da 6 ou da 10; a classe 15 (**ku-**) é usada apenas para infinitivos de verbos (**kutanga**, ‘ler’; **kuenda**, ‘andar’; **kukina**, ‘dançar’); e as classes 16 (**bo-**), 17 (**ku-**) e 18 (**mu-**) são classes locativas (**bobha**, ‘aqui’; **kubata**, ‘em casa’; **mudyulu**, ‘no céu’).



#8 · Ciclo Kimbundu 2: Kwanza Norte

Se o kimbundu influenciou o português falado no Brasil, é natural pensar que ele influenciou mais ainda o português de Angola. De fato, muitas vezes expressões ou estruturas kimbundu são transferidas para o português. Um exemplo é a expressão “minha mãe que me nasceu”, tradução direta de **manyitu wangivalela**. No sistema de parentesco kimbundu, todas as mulheres adultas da comunidade são consideradas mães e tratadas como tal; assim, essa expressão é usada para diferenciar a mãe biológica, quando necessário.

Em outros casos, a própria estrutura sintática da língua acaba “reorganizando” os componentes no português. Veja, por exemplo, as seguintes frases em kimbundu.

| | |
|-----------------------|------------------------------------|
| mukongo muamona tunzo | <i>O caçador vê as casinhas</i> |
| ahatu amona kanzo | <i>As mulheres veem a casinha</i> |
| akongo amona kinzo | <i>Os caçadores veem o casarão</i> |
| muhatu muamona inzo | <i>A mulher vê a casa</i> |

As frases abaixo representam formas do português atestadas na fala natural entre os habitantes da província de Kwanza Norte, na Angola – exceto uma. Qual dessas frases não foi atestada?

- a) Ele tem muito scarro.
- b) Eles vive naquela scacasa.
- c) Olha o quicabeça dele.
- d) O pai trouxe muitos tupeixe para o jantar.
- e) A scriança comeram muitos tufruta.

— João Henrique Fontes

Resposta: B

As quatro frases em kimbundu nos permitem perceber alguns traços de sua gramática, que a diferenciam do português:

- Não há artigos;
- Não há distinção entre masculino e feminino (o problema #7 permite entender que, em vez disso, há as classes nominais);
- Há distinção entre singular e plural, marcada como prefixo e não como sufixos (o que também foi explorado no problema #7);
- O verbo concorda com o sujeito em número (mu- mu- vs. a- a-);
- O diminutivo é marcado com prefixo e não sufixo (**ka-** no singular, **tu-** no plural);
- O aumentativo também é marcado com prefixo (**ki-** no singular).

Com base nisso, é razoável supor que, caso o kimbundu tenha alguma influência no português, ela não deve afetar a concordância entre sujeito e verbo (talvez afete a concordância entre núcleo do sujeito e artigos, entretanto), mas deve favorecer a marca de número e de diminutivo/aumentativo no início (como prefixo), e não no fim, das palavras.

Assim, mover a marca de plural para o início da palavra explicaria a forma **o scarro** (ou *os carro*), no item (a), e **a scriança** (ou *as criança*), no item (e). Esse fenômeno é bem atestado em Angola, mas existe a hipótese de que a influência do kimbundu e de outras línguas bantu seria também a razão para uma tendência similar no Português do Brasil – aqui, também tendemos a marcar o plural apenas na primeira palavra da frase nominal (*os menino bonito*). Essa hipótese é plausível mas exige mais investigações; alguns linguistas argumentam que este traço de supressão das marcas de plural já era uma tendência presente no Português Europeu (e similar ao que acontece no francês falado, por exemplo).

Além disso, os dados favorecem a ideia de que sejam usados os prefixos do kimbundu para aumentativo e diminutivo: **ki/qui** em **quicabeça** (‘cabeção’; item c); **tu** em **tufruta** (‘frutinhas’, item e) e **tupeixe** (‘peixinhos’, item d).

A alternativa implausível é a (b), por duas razões: primeiro, a supressão da concordância de plural entre o sujeito e o verbo (“Eles vive”); segundo, a formação **scacasa** para o diminutivo plural. Em kimbundu, as formas singulares e plurais pertencem a classes de palavras diferentes; assim, não faz sentido juntar o prefixo singular **ka/ca** com o plural **s**. O esperado seria “naquela cacasa” no singular ou “naquelas tucasa” no plural.

É interessante notar que o diminutivo e aumentativo são formados por classes já apresentadas no problema #7: classes 7 e 8 (**ki-**, **i-**), 12 e 13 (**ka-**, **tu-**). Essas classes são usadas tanto para formar aumentativo e diminutivo quanto para marcar outras palavras, como já vimos.

Para saber mais, as variantes do português em Kwanza Norte são discutidas na dissertação de mestrado: *Interferência da Língua Kimbundu no Português Falado em Kwanza Norte: alguns casos no município sede cazengo-ndalatando*, por João Lourenço Francisco António (UBI, 2018):

https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9956/1/6278_13292.pdf



#9 · Ciclo Kimbundu 3: Eu Tinha Dançado

Falamos dos nomes, mas os verbos em kimbundu também são interessantes. Abaixo estão alguns verbos em kimbundu com suas traduções para o português. Na segunda coluna, os verbos aparecem no infinitivo; na terceira, conjugado no tempo passado remoto, na terceira pessoa do singular.

| | | |
|------------|----------------------|------------------------|
| dançar | kukina | wakinine |
| passar | kubita | wabitile |
| sair | kutu ⁿ da | watu ⁿ dile |
| enfeitar | kuke ^m ba | wake ^m bele |
| curvar | kubetama | wabetamene |
| obedecer | kutumaka | watumakene |
| repreender | kubazela | wabazelele |
| pentear | kusamuna | wasamunine |
| escrever | kusoneka | |
| correr | kule ^ŋ ga | |
| sentar | kushikama | |
| plantar | kudima | |

Nota fonética: As consoantes sobrescritas são pré-nasalizações, ou seja, ^mb representa uma única consoante, e não duas. ^ŋ representa o mesmo som do ‘n’ em ‘ng’ da ortografia usual do kimbundu; ele é pronunciado como o ‘ng’ no inglês ‘hang’.

Quais são as formas verbais que completam as lacunas acima?

- a) wasonekele, wale^ŋgele, washikamine, wadimene
- b) wasonekele, wale^ŋgene, washikamene, wadimine
- c) wasonekene, wale^ŋgele, washikamene, wadimine**
- d) wasonekene, wale^ŋgele, washikamine, wadimene
- e) wasonekene, wale^ŋgele, washikamele, wadimile

— João Henrique Fontes



Resposta: C

O terceiro problema do ciclo focava na análise morfológica de algumas formas verbais. Observando os dados, é fácil notar que o infinitivo do verbo é formado por

ku - raiz do verbo - **a**

A forma da 3ª pessoa segue a estrutura

wa - raiz do verbo - $\begin{matrix} i \\ e \end{matrix}$ - $\begin{matrix} n \\ l \end{matrix}$ - **e**

Quanto à vogal, é possível ver que **i** só aparece depois de **u** e **i**, enquanto **e** só aparece nos demais casos. Isso é resultado de um processo de *assimilação vocálica*: como /u/ e /i/ são vogais faladas com a boca muito fechada, é normal que a vogal seguinte acabe se tornando mais fechada (pense no português *menino*, que é pronunciado /mi.ni.nu/).

Já a distinção **n/l** é um pouco mais complexa: enquanto **l** é a consoante padrão dos sufixos, ela é substituída por **n** sempre que a raiz do verbo tiver qualquer consoante nasal (mas não pré-nasalizada), em qualquer posição. Isso é um processo chamado *harmonia nasal*: quando já existe uma consoante nasal, ela tende a provocar nasalização em outras consoantes. Diferentes línguas possuem processos de harmonia entre consoantes ou vogais.

Por fim, para quem quiser aprender mais sobre kimbundu, indicamos os seguintes materiais para começar:

- Problema #3 (sintaxe do kimbundu), Olimpíada Internacional de Linguística 2017
<https://ioling.org/problems/2017/i3/>
- Tese de doutorado: *Fonologia Segmental e Supra-Segmental do Quimbundo: Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*, por Francisco da Silva Xavier (USP, 2010).
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-20102010-091425/publico/2010_FranciscodaSilvaXavier.pdf
- Dissertação de mestrado: *Conhecimento das Diferenças Sintáticas entre a Língua Portuguesa e a Língua Kimbundu*, por Mateus Jacinto Marques Manuel (UBI, 2017).
https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9529/1/5528_11238.pdf



#10 · Tak, Tatak

Em todas as línguas, é comum certas palavras serem derivadas de **onomatopeias**. No português, por exemplo, há a onomatopeia “muu”, que imita o som do gado, que deu origem ao verbo “mugir”. Abaixo são faladas algumas palavras em diversas línguas, com suas respectivas traduções e línguas de origem. Em qual das opções as duas palavras não são derivadas de onomatopeias?

<https://soundcloud.com/obling-327969800/sets/kubata-f1a-problema-10-tak-tatak>

a) Áudio A (muito branco - turco; livros - indonésio)

b) Áudio B (moto - tibetano; ranger - inglês)

c) Áudio C (chupar - alemão; escova - mandarim)

d) Áudio D (ser duro - coreano; exato - japonês)

e) Áudio E (chiar - português; farfalhar - hebraico)

— João Henrique Fontes

Resposta: A

Vamos analisar alternativa por alternativa, de baixo para cima:

e) *chiar* - *rishrush* (רישרוש)

Chiar é derivado de uma onomatopeia *shhhh*; **rishrush** tem um som áspero característico de um farfalhar (movimento de folhas ao vento).

d) *dandanhada* (단단하다) - *pittari* (びったり)

Dandanhada contém o som de *dan*, que lembra algo duro sendo atingido, como um ferro (*hada* é uma partícula verbalizadora); **pittari** tem um som que remete ao detalhe, tanto pela consoante dupla quando pela vogal /i/ no início.

c) *Schlürfen* - *shua* (刷)

Schlürfen tem um som que remete a algo líquido sendo puxado fazendo barulho; **shua** lembra o som do esfregar de uma escova.

b) *bakbak* (𑂣𑂗𑂣𑂗𑂣𑂗𑂣𑂗) - *creak*

Bakbak lembra o som dos motores e escapamentos das motos (seguindo a mesma lógica, na Índia há os *tuk-tuks*); **creak** tem um som fino (fechado) e longo, que remete a algo rangendo com um som agudo.

a) *bembeyaz - buku-buku*

Bembeyaz não remete diretamente a algo branco e **buku-buku** também não faz um som de livro. Ambas as palavras vêm de uma estratégia de formação de palavras chamada *reduplicação*, quando uma parte ou o todo da palavra é repetido para dar um significado específico. Reduplicações são comumente usadas em onomatopeias (tic-tac, piu-piu, cof-cof), mas também podem ter outros sentidos. Em turco, a reduplicação é usada para intensificar um adjetivo (*beyaz* = branco, *bembeyaz* = muito branco); em indonésio, para formar plurais (*buku* = livro, do holandês *boek*; *buku-buku* = livros).



#11 · Gênero, Número e Grau



Novo mene: a pessoa que discordava em gênero, número e grau. Fonte: Site dos Menes.

A expressão popular “concordo em gênero, número e grau” se refere a uma característica conhecida da gramática do português: o fato de que, em nossa língua, muitas vezes (mas não sempre), adjetivos sofrem flexão de gênero e número, acompanhando o gênero e o número dos substantivos a que se referem.

Claro, isso não acontece apenas entre substantivos e adjetivos propriamente ditos, mas também entre palavras que assumem *função de substantivo* (como alguns pronomes – *ele(s)*, *ela(s)*; *esse(s)*, *essa(s)*) e as que assumem *função de adjetivo* (como artigos, possessivos, demonstrativos, determinantes em geral – *o(s)*, *a(s)*; *esse(s)*, *essa(s)*; *meu(s)*, *minha(s)*; *um(ns)*, *uma(s)*).

Algo diferente acontece com o **grau** ou **gradação**, que é uma qualidade exclusiva dos adjetivos e advérbios. Os substantivos, como se referem a “coisas”, não são graduáveis. No máximo, podem sofrer um tipo de derivação ligada ao tamanho: uma *mesinha* pode ser uma mesa pequena, e um *buracão* pode ser um buraco bem grande – apesar de que uma *jantinha* pode ser bem grande, e um *carrão* pode ser pequeno, se for vistoso. Assim, se falamos ‘*a prova dura 4 horas curtíssimas*’ ou ‘*conheço casas lindíssimas*’, o adjetivo concorda em gênero (feminino) e número (plural) com a unidade de tempo, mas o grau superlativo não concorda com nada, é só uma marca de intensidade. Dessa forma, falar em “flexão de grau”, no português, não faz lá muito sentido.

É importante lembrar que as marcas de grau dos adjetivos podem ser sufixos (*puríssimo*, *carérrimo*) ou podem ser outras palavras (*muito fundo*, *super caro*). Além disso, essas marcas podem ser utilizadas para muitas funções além de indicar a intensidade de uma qualidade: podem indicar também ênfase, afetação, ironia, afetividade etc.

Em qual das frases abaixo a marca de grau do adjetivo não é usada para indicar intensidade?

- a) A mona tava arrasando com aquele vestido chiquerésimo.
- b) Silvio Santos já tá velhinho...
- c) Sua internet está super hiper ultra mega lenta? Então assine JegueNet!
- d) O candidato está certíssimo em sua colocação.
- e) Issaqui é bõo dimaiisss.

— Bruno L’Astorina

Resposta: D

As alternativas trazem estratégias comuns para indicar grau ou intensidade. As frases em (c) e em (e) apontam para a estratégia talvez mais comum, que é o uso de advérbios de intensidade, como ‘muito’ e ‘demais’. No caso da (c), vários destes advérbios são usados em sequência, o que é uma estratégia usada às vezes para dar um tom de exagero. No caso da (e), é importante notar que ‘bõo’ é apenas uma variante de ‘bom’, não tendo relação com grau aumentativo.

Em (b), a estratégia envolve usar o diminutivo para expressar intensidade: a frase quer dizer que o Silvio Santos está *bem velho*, mas com um tom eufemístico e/ou afetivo.

Em (a), utiliza-se uma estratégia sintética, com um dos sufixos de grau – neste caso, um sufixo que não costuma ser reconhecida pelas gramáticas tradicionais, mas é atestado com frequência na língua, geralmente associado à linguagem do *glamour*, relacionado a socialites ou ao universo gay.

A alternativa (d) é a que usa a estratégia mais canônica de expressão de grau, o sufixo - íssimo, mas com um sentido que não é o de grau ou intensidade, pois não é possível estar *muito certo*; neste caso, o sufixo é usado para indicar ênfase, ou seja, serve para intensificar a afirmação, e não a qualidade do objetivo. O que o falante quis indicar é que o candidato está *realmente* ou *inquestionavelmente* certo.

É importante notar que nem todas as correntes da linguística entendem o conceito de grau da mesma maneira; para alguns teóricos, o conceito de grau é amplo o suficiente para incluir o que acontece na alternativa (d), e mesmo a gradação de substantivos. Até para essas correntes, entretanto, há uma diferença entre o grau como expresso em (d) e como expresso nas outras alternativas.



#12 · Si fueris Romae

Se o kimbundu veio do proto-bantu, o português veio do latim. Quando pensamos no latim das missas ou das expressões jurídicas, pensamos na língua como uma coisa só, mas como qualquer outra língua, o latim tinha muitas variantes, não só entre classes sociais, mas entre regiões geográficas - é importante lembrar que o Império Romano existiu por vários séculos e uma grande extensão geográfica. As diferenças geográficas, bem como a interação com outras línguas, foi o que levou à diversidade de línguas românicas atuais.

A seguir temos algumas sentenças do latim e suas respectivas traduções:

| | |
|---------------------------|--|
| in Africam translatum est | <i>foi levado à África</i> |
| in curru restitit | <i>deteve-se na carroça</i> |
| in senatum venit | <i>vem ao Senado</i> |
| in acie constiterant | <i>havam permanecido numa linha de batalha</i> |
| in Italia sunt | <i>estão na Itália</i> |
| in currum inieramus | <i>havíamos entrado juntos na carroça</i> |

Com base nos exemplos acima, complete as lacunas abaixo:

in _____ habitant – *demoram-se no porto*

in _____ redierant – *havam retornado à cidade*

in _____ sto – *fico firme na Angola*

- a) portum, urbum, Angolia
- b) portum, urbe, Angoliam
- c) portu, urbem, Angoliam
- d) portum, urbe, Angolia
- e) portu, urbem, Angolia

— Kleveland Cristian Barbosa

Resposta: E

Os substantivos denotando locais (depois de *in*) ocorrem em duas formas: terminados em **-m** (correspondente ao caso acusativo) e com apenas a vogal (correspondente ao caso ablativo). O caso acusativo aparece com os verbos *entrar junto*, *vir* e *levar*, e o caso ablativo com *estar*, *permanecer* e *deter*. Os verbos com ablativo, portanto, são todos verbos estáticos, enquanto os com acusativo envolvem algum tipo de movimento. Olhando as frases incompleta, vemos que

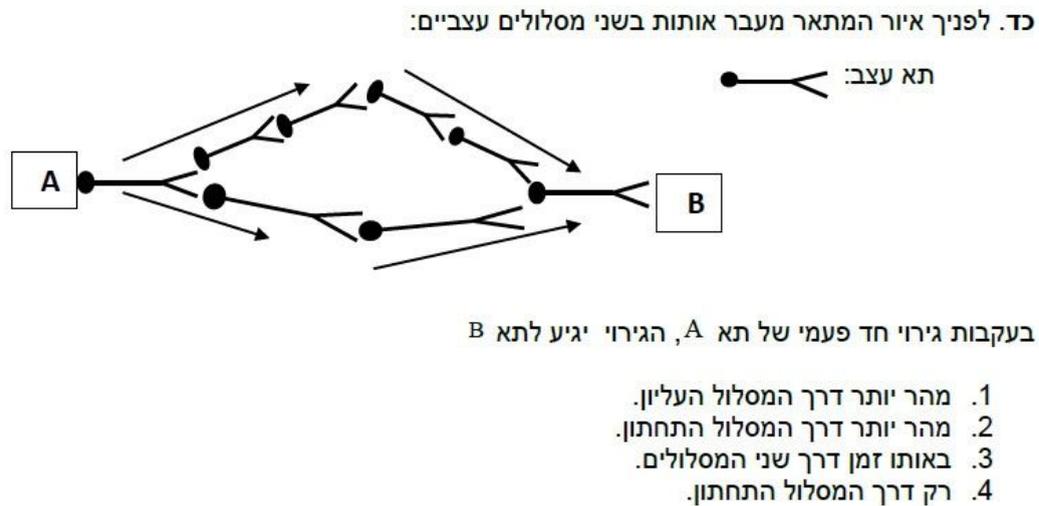


demorar e ficar firme são dois verbos estáticos (portanto, portu e Angolia), enquanto retornar envolve movimento (portanto urbem).

#13 · Neurônios Hebraicos

Este problema é um crossover com a Vitalis, explorando as interfaces entre linguística e medicina. Caso queira saber mais, participe em olimpiadamedicina.com.br

Veja abaixo um problema de múltipla escolha da Olimpíada Israelense de Biologia de 2017:



O problema fala sobre a linguagem do nosso cérebro: os potenciais de ação dos neurônios. Mais especificamente, sobre os caminhos que a informação percorre. Vale lembrar que nenhum dos neurônios presentes na figura é inibitório.

A resposta correta desse problema é que a informação neuronal chega “mais rápido pela faixa inferior”. Ou seja, são incorretas as afirmativas que dizem que a informação chega “ao mesmo tempo pelas duas faixas”, “mais rápido pela faixa superior” ou “apenas pela faixa inferior”.

Qual é então a resposta correta?

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) אדג

— Leonardo da Costa Meireles



Resposta: B

A primeira coisa a se perceber é que hebraico se escreve da direita para a esquerda, ao contrário da nossa direção usual de escrita. Isso pode ser percebido pela diagramação inteira do problema. Depois, vemos que há duas frases parecidas: “chega mais rápido pela faixa inferior” e “chega mais rápido pela faixa superior”, que devem ser as alternativas 1 e 2, mas não se sabe qual é qual. Ou seja, inferior e superior são תחתון ou עליון. Como há também a alternativa “apenas pela faixa inferior”, a palavra “inferior” deve aparecer novamente em outra alternativa, então só pode ser תחתון. Isso faz com que as alternativas sejam então:

1. mais rápido pela faixa superior
2. mais rápido pela faixa inferior
3. ao mesmo tempo pelas duas faixas
4. apenas pela faixa inferior

A alternativa (e) נדא , que é apenas uma transliteração de N.D.A. (nenhuma das alternativas) para o hebraico, não poderia ser a correta pois o problema da olimpíada de biologia deve ter uma resposta correta, sendo 1, 2, 3 ou 4. A alternativa correta, portanto, é a (b).

#14 · Ser ou Não-Ser?



<https://youtu.be/4bZ8fF2tyow>

Em LIBRAS, alguns verbos incorporam a polaridade na sua forma, ou seja, os verbos têm formas diferentes quando são positivos (p. ex. *fazer X*) ou negativos (*não-fazer X*).

Na primeira parte do vídeo, aparecem os seguintes verbos, nesta ordem: querer, saber, gostar, ter, ver. Em seguida, a versão negativa dos mesmos verbos, fora de ordem.

Qual é a ordem em que os verbos na forma negativa aparecem na segunda parte do vídeo?

- a) não-gostar, não-querer, não-ter, não-ver, não-saber
- b) não-saber, não-gostar, não-ter, não-ver, não-querer
- c) não-querer, não-gostar, não-ver, não-ter, não-saber
- d) não-ter, não-gostar, não-ver, não-querer, não-saber
- e) não-saber, não-querer, não-ver, não-ter, não-gostar

— Bruno L'Astorina

Resposta: D

Para reconhecer os pares de verbos positivos e negativos, precisamos observar o que eles têm em comum. De uma forma geral, tanto a *configuração de mão* (a forma da mão que faz o sinal) quanto o *local de articulação* permanecem o mesmo, enquanto o movimento da mão muda.

Em três dos cinco verbos, a configuração da mão permanece o mesmo para as duas polaridades e os sinais são articulados no peito ou no espaço em frente ao peito. Já o movimento muda: na forma positiva, os movimentos são de aproximação/afastamento do corpo; na forma negativa, movimentos de rotação da mão para baixo e para fora.



querer e não-querer



gostar e não-gostar



ter e não-ter



Os outros dois verbos apresentados não mantêm a mesma configuração de mão, mas possuem traços que permitiam que fossem identificados:

Saber e *não-saber* possuem configurações de mão diferentes:



(positivo),



(negativo),

mas ambos são articulados na lateral da testa (referindo-se à cabeça). Na forma negativo, o movimento é similar ao sinal comum de “não”, feito com o indicador.

Ver e *não-ver* também possuem configurações diferentes



(positivo),



(negativo),

mas, neste caso, os sinais são bastante icônicos (representam visualmente o seu significado): a forma positiva é articulada ao lado do rosto, como se os dedos fossem uma projeção dos olhos; a forma negativa é feita com o movimento da palma na frente dos olhos, remetendo a alguma coisa que bloqueie ou turve a visão.

#15 · Quadrado Mágico

Ngoni ou kingoni é uma língua Bantu falada por cerca de 223 mil pessoas, no sul da África, principalmente na Tanzânia, mas também em Moçambique e na Zâmbia.

Abaixo estão os numerais de 1 a 9, escritos em ngoni, dispostos em um quadrado mágico: a soma dos números é igual em cada linha, em cada coluna e nas duas diagonais.

| | | |
|----------------|----------------|---------------|
| tano natatu | tatu | nne |
| mozi | tano | tano nanne |
| tano namozi | tano nawili | wili |

Qual é o resultado de, respectivamente, **mozi + tatu + tano** e **tano nanne – wili**?

- a) tano nanne, tano nawili
- b) tano nawili, tano natatu
- c) tano namozi, tano natatu
- d) tano nawili, tano namozi
- e) tano nanne, tano namozi

— Eduardo Cardoso Martins, Artur Corrêa Souza

Resposta: A

Esse problema envolve dois passos: a análise dos nomes para os números e, a partir disso, a resolução do quadrado mágico.

De cara, podemos agrupar os nomes em três grupos: (i) quatro nomes de uma ou duas sílabas (**tatu**, **mozi**, **nne**, **wili**); (ii) **tano**; (iii) quatro nomes da forma **tano na-X**, onde X é um dos quatro nomes do grupo (i). Como se trata de números de 1 a 9, a opção plausível é que eles sejam formados aditivamente (**tano natatu** = **tano** + **tatu**); neste caso, **tano=5** e os grupos (i) e (iii) são, respectivamente, (1, 2, 3, 4) e (6, 7, 8, 9). Basta saber, dentro destes grupos, qual é qual.

Com isso, temos como começar a desvendar o quadrado mágico. Há vários caminhos possíveis para começar: descobrir a soma de cada linha, montar equações, chutar alguns valores e testar. Vamos resolver com equações.



Podemos ver que a soma da primeira e da segunda coluna serão:

$$\text{tano natatu} + \text{mozi} + \text{tano namozi} = (5 + \text{tatu}) + \text{mozi} + (5 + \text{mozi}) = 10 + \text{tatu} + 2 \cdot \text{mozi}$$

$$\text{tatu} + \text{tano} + \text{tano nawili} = \text{tatu} + 5 + (5 + \text{wili}) = 10 + \text{tatu} + \text{wili}$$

Como todas as colunas devem ter a mesma soma:

$$10 + \text{tatu} + 2 \cdot \text{mozi} = 10 + \text{tatu} + \text{wili} \quad \Leftrightarrow \quad 2 \cdot \text{mozi} = \text{wili}$$

O que indica que **wili** só pode ser 2 ou 4, e **mozi** só pode ser 1 ou 2.

Olhando para as linhas, podemos notar que a soma da segunda e da terceira linha é:

$$\text{mozi} + 5 + (5 + \text{nne}) = 10 + \text{mozi} + \text{nne}$$

$$(5 + \text{mozi}) + (5 + \text{wili}) + \text{wili} = 10 + \text{mozi} + 2 \cdot \text{wili}$$

Como todas as linhas devem ter a mesma soma:

$$10 + \text{mozi} + \text{nne} = 10 + \text{mozi} + 2 \cdot \text{wili} \quad \Leftrightarrow \quad \text{nne} = 2 \cdot \text{wili}$$

Com isso, temos que $\text{nne} = 2 \cdot \text{wili} = 4 \cdot \text{mozi}$. Como estes números são todos de 1 a 4, a única solução possível é **mozi = 1**, **wili = 2**, **nne = 4** e, por exclusão, **tatu = 3**.

Substituindo no quadrado mágico, temos:

| | | |
|-----------------------|-----------------------|----------------------|
| tano natatu (8) | tatu (3) | nne (4) |
| mozi (1) | tano (5) | tano nanne (9) |
| tano namozi (6) | tano nawili (7) | wili (2) |

Perceba agora que o **número mágico**, resultado das somas de cada linha, coluna e diagonal é 15, que é também o número deste problema na prova ;)

Assim, as operações do problema ficam:

- $\text{mozi} + \text{tatu} + \text{tano} = 1 + 3 + 5 = 9 = \text{tano nanne}$
- $\text{tano nanne} - \text{wili} = 9 - 2 = 7 = \text{tano nawili}$



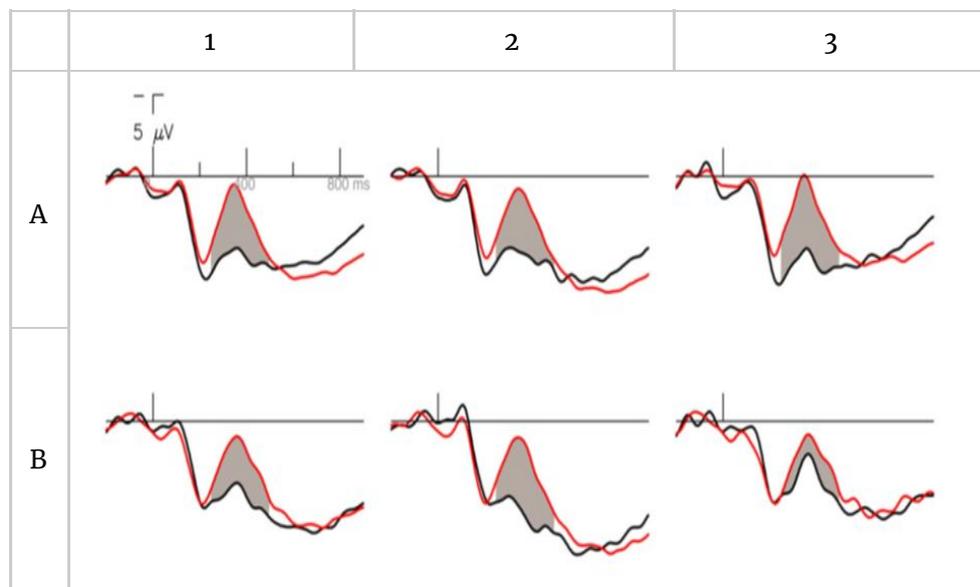
#16 · Harry Potter e a Câmara Discreta

Em um experimento conduzido em 2020 na Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), registrou-se a ativação no cérebro de participantes que liam sentenças relacionadas ou não ao mundo narrativo de Harry Potter (HP). Os pesquisadores estavam especialmente atentos a uma onda cerebral específica, chamada de N400 (pois acontece cerca de 400 milissegundos após a leitura da palavra). A amplitude da N400 é geralmente proporcional à detecção, durante a leitura, de problemas no sentido do texto.

A tabela abaixo mostra dois exemplos de sentenças utilizadas no estudo - uma relacionada a HP e uma mais geral.

| | | esperado | inesperado |
|-----------------------------|--|----------|------------|
| Sentença sobre temas gerais | O primeiro cliente de Alice foi um fracasso, mas o segundo foi um ... | sucesso | feito |
| Sentença relacionada a HP | O personagem Peter Pettigrew muda de forma, algumas vezes ele se transforma em um... | rato | cachorro |

Seguem seis exemplos do componente N400, representando os dados obtidos pela gravação das ondas cerebrais. A linha **vermelha** corresponde aos itens inesperados; a linha **preta** corresponde aos itens esperados.



Marque a alternativa correta:

- a) A linha B corresponde a sentenças sobre temas gerais.
- b) A coluna 1 corresponde aos participantes com muito conhecimento sobre HP.
- c) A linha A corresponde a todos os participantes.
- d) A coluna 3 corresponde a participantes com pouco conhecimento sobre HP.
- e) A coluna 2 corresponde a sentenças sobre HP.

— Janaína Weissheimer

Resposta: D

O gráfico mostra o resultado de um experimento de laboratório. Não sabemos em quantos grupos os participantes do experimento foram divididos, mas sabemos que existem exatamente dois tipos de sentença usadas: as que são sobre Harry Potter e as que são sobre outros assuntos (sentenças controle). Os tipos de sentença devem corresponder, portanto, às linhas A e B e, logicamente, os tipos de participante seriam as colunas 1, 2 e 3. Para que a pesquisa faça sentido, alguns participantes devem conhecer Harry Potter e outros não devem conhecer.

De uma forma geral, as linhas vermelhas (itens inesperados) tem um pico que não aparece nas linhas pretas (itens esperados). Esses picos devem corresponder à onda N400, descrita no enunciado, que é uma linha ativada por problemas na leitura do texto. Ou seja, de uma forma geral, parece que os gráficos mostram que os itens inesperados ativam a onda N400.

O gráfico que mais chama atenção é a B3, onde as duas curvas são praticamente iguais. Neste caso, não deve haver o efeito-surpresa, que diferencia os itens. Ou seja, tanto itens esperados quanto inesperados despertam o mesmo efeito de surpresa nos participantes. Isso só faz sentido para ouvintes que não distinguem as duas informações, ou seja, frases como “O personagem Peter Pettigrew muda de forma, algumas vezes ele se transforma em um rato” e “O personagem Peter Pettigrew muda de forma, algumas vezes ele se transforma em um cachorro” são igualmente surpreendentes ou ativadoras. Com base nisso, podemos concluir que B corresponde a sentenças sobre Harry Potter e 3 corresponde aos participantes com pouco conhecimento sobre HP (alternativa d está correta, portanto).

O gráfico B2, por outro lado, mostra então as sentenças sobre HP para ouvintes que tem muito conhecimento sobre este universo. Para eles, Peter Pettigrew se transformar em rato é algo esperado, previsível, que não demanda uma atenção específica. B1 parece ser um caso intermediário entre ambos, talvez se refira ao conjunto total dos participantes.

Esse problema foi inspirado no seguinte artigo:

Melissa Troyer e Marta Kutas (2020). *Harry Potter and the Chamber of What?: the impact of what individuals know on word processing during reading*. *Language, Cognition and Neuroscience*, 35:5, 641-657. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23273798.2018.1503309>

#17 · Pajubá

O Pajubá é um socioleto falado predominantemente pela comunidade LGBTQ+, seus vocábulos possuem origens diversas, mas em sua maioria de matriz africana, principalmente da língua iorubá. O Pajubá surgiu como uma forma de resistência entre travestis e transexuais e, posteriormente, a comunidade LGBTQ+ se apropriou dessa maneira de se comunicar, expandindo o seu uso.

“Amapô, a senhora é babadeira na Sociolinguística mesmo, viu?! ARRASOU!”

A frase acima é um exemplo do uso do Pajubá em um determinado contexto. Pode-se perceber o uso de vocábulos específicos desse dialeto, porém qualquer pessoa pode compreender o objetivo dessa fala: elogiar e verbalizar uma admiração. Abaixo estão outros exemplos de frases em Pajubá:

“Ontem um ocó colocado deu a elza na minha bolsa, foi uó, ainda bem que o alibã deu um coió nele”

“Amapô, sua louca, corre que o alibã tá vindo! Se ele chegar perto, faz a Kátia.”

“Olha aquele ocó, mulher! Um bofe odara, pena que é apenas um erê...”

“Ontem, os erê tava correndo e gritando, não aguentava mais! Fiz a egípcia e saí de lá, mas dei a elza em todos os docinhos!”

“Meu picumã está maligno, preciso lavar A-GO-RA.”

“INHAI, AMIGA! Vai escondida e dá a elza naquele picumã para mim? é um picu cacheado belíssimo!”

“Cuidado com essa faca, mona! Não quero ter que limpar seu bajé.”

“O bofe foi na casa dela ontem, mas a amapô tava de bajé, foi uó!”

A partir dos exemplos acima, marque a alternativa que contenha, respectivamente, palavras com significados equivalentes a *picumã*, *dar a elza*, *erê*, *bajé* e *alibã*:

- a) roupa, comprar, criança, sujeira, policial
- b) roupa, roubar, criança, sangue, bandido
- c) cabelo, roubar, estudante, sujeira, bandido
- d) inimiga, comprar, estudante, sangue, policial
- e) cabelo, roubar, criança, sangue, policial

— Gustavo Palote



Resposta: E

Existem várias maneiras de começar, vamos começar pela palavra *picumã*, que aparece em três lugares. Na primeira aparição, vemos que a pessoa precisa lavar seu *picumã*; na segunda, vemos que o falante quer que o ouvinte *dê a elza* no *picumã*, mas ainda não sabemos o que *dar a elza* significa, mas na sequência o *picumã* é descrito como *um picu cacheado bellissimo*, o que não deixa dúvidas de que se trata de cabelo. Olhando as alternativas, vemos que as outras opções, ‘roupa’ e ‘inimiga’, não se aplicam.

Para a expressão *dar a elza*, temos também duas ocorrências: *dar a elza* no *picumã* (cabelo, ou peruca) e na bolsa. As alternativas dão duas opções: ‘roubar’ ou ‘comprar’. Na primeira frase, o falante se mostra aliviado em saber que a pessoa que deu a *elza* na bolsa sofreu as consequências. Portanto, ficamos com ‘roubar’.

A palavra *erê*, em uma frase, aparece como contraponto aos elogios que o falante faz, em relação a um homem atraente (*bofe odara*, mas apenas um *erê*). Na outra, o contexto de *erê correndo e gritando* junto com *dar a elza em todos os docinhos* implica em uma festa infantil. Entre as opções, ‘estudante’ e ‘criança’, a segunda parece mais plausível.

A palavra *bajé*, aparece como consequência de um uso desastrado de uma faca e, em outra frase, Na segunda aparição, a *amapô estar de bajé* parece um tipo de indisposição ou obstáculo. A interpretação mais plausível seria ‘sangue’, representando o sangue de um corte em uma frase e da menstruação em outra.

Para a palavra *alibã*, já sabendo que *dar a elza* é roubar, percebemos pela primeira sentença que o *alibã* fez quem roubou sofrer consequências, indicando que significa ‘policial’.

Para saber mais sobre o Pajubá:

- Babel Podcast, episódio Pajubá
<https://youtu.be/IR3duodVESQ>
- Dissertação de mestrado: *Pajubá: O código linguístico da comunidade LGBT*, por Renato Régis Barroso (UEA, 2017)
<http://www.pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/27-18.pdf>
- Dissertação de mestrado: *Memória da Militância: a contribuição da Organização do Conhecimento para a reconstrução da memória do movimento LGBT da região do Cariri cearense*, por Francisco Arrais Nascimento (UFPE, 2015)
https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/15380/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20FINAL%20UFPE_Francisco%20Arrais%20.pdf

#18 · Sobrenome Trocadilho

Eu quero guerra, a Bárbara Paz

Eu uso faca, o José Serra

As frases acima apresentam um tipo de trocadilho que se tornou muito comum nos últimos anos. Basta pegar nome e sobrenome de uma pessoa famosa e reinterpretar o sobrenome como se fosse uma palavra comum. Por exemplo, “paz” e “serra” são os sobrenomes das personalidades, mas também são as palavras que completam a frase.

Essa leitura ambígua do sobrenome é provocada pelo uso da elipse: a omissão, supressão de um termo que pode ser facilmente entendido no contexto. No caso desses trocadilhos, um elemento da primeira oração é omitido, ocultado na oração seguinte. Por exemplo, “eu quero guerra, a Bárbara [quer] paz”, “Eu uso faca, o José [usa] Serra”.

Nos exemplos acima, o termo omitido é de um mesmo tipo. São dois verbos: “querer” e “usar”. Mas, é possível omitir outros elementos, como no exemplo abaixo:

Minha origem é Inca e a do Tim Maia

em que é omitido o núcleo do sujeito da oração: “origem” (além do verbo “é”). Pode-se dizer, então, que a elipse do terceiro exemplo não é do mesmo tipo que a dos exemplos anteriores.

Marque a alternativa em que os 3 trocadilhos apresentem elipse e em que essa elipse seja do mesmo tipo nos 3 trocadilhos.

- a) Eu vou vender xícaras, a Glória Pires.
Eu crio galinha, o Paulo Coelho.
Eu vou para Buenos Aires, o Fábio Assunção.
- b) Eu tenho machucado no dedão, a Frida Kahlo.
Ele corta com serra, o Renato Machado.
Tenho férias em dezembro, o Cláudio Marzo.
- c) Eu não faço, mas a Beth Faria.
Que Deus olhe por mim, e que Celso Portioli.
Eu não matei, mandei o Mauricio Mattar.
- d) Eu gosto de chá gelado, o Clark Kent.
Eu assisto ao Campeonato Paulista, o Ronaldinho Gaúcho.
O Sílvio gosta de azul escuro, o Roberto Marinho.
- e) Na gorjeta eu dou 10 reais, o Leonardo da Vinci.
Eu escovo os dentes três vezes ao dia, o Joãozinho Trinta.
Eu não fiz papel de trouxa, só o Reginaldo Faria.

— Rodrigo Pinto Tiradentes



Resposta: D

Completando as frases das alternativas com os termos em elipse, temos:

- a) Eu vou vender xícaras, a Glória (**vai vender**) Pires.
Eu crio galinha, o Paulo (**cria**) Coelho.
Eu vou para Buenos Aires, o Fábio (**vai para**) Assunção.
- b) Eu tenho machucado no dedão, a Frida (**tem**) Kahlo.
Ele corta com serra, o Renato (**corta com**) Machado.
Tenho férias em dezembro, o Cláudio (**tem férias em**) Marzo.
- c) Eu não faço, mas a Beth Faria.
Que Deus olhe por mim, e que Celso **Por-ti-olhe**.
Eu não matei, mandei o Mauricio Mattar.
- d) Eu gosto de chá gelado, o Clark (**gosta de chá**) Kent.
Eu assisto ao Campeonato Paulista, o Ronaldinho (**assiste ao Campeonato**) Gaúcho.
O Sílvio gosta de azul escuro, o Roberto (**gosta de azul**) Marinho.
- e) Na gorjeta eu dou 10 reais, o Leonardo da Vinci (**reais**).
Eu escovo os dentes três vezes ao dia, o Joãozinho (**escova os dentes**) Trinta (**vezes ao dia**).
Eu não fiz papel de trouxa, só o Reginaldo Faria (**papel de trouxa**).

Dessa forma, percebemos que as alternativas (a), (b), (e) contêm elipses de padrões diferentes. A alternativa (c) não contém elipse.

Apenas a opção (d) contém sentenças que apresentam elipse de mesma estrutura sintática. Nos três trocadilhos, foi omitida uma sequência formada por verbo + preposição + substantivo, em que “preposição + substantivo” corresponde a um complemento do verbo (*Clark [gosta de chá] Kent*, por exemplo). Além disso, o sobrenome das pessoas é interpretado como um adjetivo que modifica o substantivo omitido.

Para compreender a elipse dos trocadilhos, usamos principalmente nosso conhecimento de sintaxe (fatiamento sintático, ou *parsing*) e de pragmática (foco contrastivo). No nível sintático, analisamos a estrutura da primeira oração e procuramos replicá-la no nome completo da pessoa, que se torna uma segunda oração. Já no nível pragmático, reconhecemos um contraste entre as duas orações, de modo que o sobrenome possa ser comparado a um elemento da primeira oração e constituir o foco da segunda oração, que toma a elipse como tópico. Não à toa, o sobrenome é a parte central do trocadilho.

#19 · Ciclo Ártico 1: Conselho Ártico

O segundo ciclo desta prova nos levará aos extremos do planeta. O Ciclo Polar é uma iniciativa interdisciplinar da Liga Olímpica. Ele inclui os problemas 35, 36 e 37 da Primeira Fase da OBECON-2020, o problema 10 da Segunda Fase da mesma e, agora, os problemas 19, 20 e 21 da Fase 1A da OBL Kubata. Vista seu casaco e vamos em frente!

O Conselho Ártico é o principal fórum intergovernamental para a promoção de cooperação, coordenação e interação entre os tão chamados Estados Árticos, as comunidades indígenas árticas e outros habitantes da região sobre questões comuns do Ártico, em especial sobre desenvolvimento sustentável e proteção ambiental no Ártico. O Conselho foi formalmente estabelecido em 1996 com a celebração da [Declaração de Ottawa](#), que define os seguintes Estados como membros permanentes: Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia e Suécia.

Além dos oito Estados, também são membros permanentes do Conselho seis organizações indígenas: Associação Internacional Aleúte, Associação Russa de Povos Indígenas do Norte, Conselho Ártico Atabascano, Conselho Circumpolar Inuit, Conselho Internacional Gwich'in e Conselho Sámi.



Mapa das línguas indígenas do Ártico. Repare que várias dessas línguas já foram objeto de problemas na OBL e na IOL. Fonte: [Secretaria para Povos Indígenas, Conselho Ártico](#).

Contudo, mais divertido que ler uma explicação em português é ouvi-la nas línguas das partes envolvidas. É isso o que traz a playlist a seguir!

<https://soundcloud.com/arcticouncil/sets/arcticouncil-introduction>



O texto de explicação (que é diferente dos parágrafos acima) aparece gravado, na ordem, em groenlandês, sámi do norte, koyukon (atabascano), gwich'in, inglês, russo, finlandês, islandês, norueguês, dinamarquês, sueco, francês e feroês.

Eis aqui o nome do Conselho Ártico em cinco dessas línguas, escritas no alfabeto latino:

Arktiska rådet, Árktaš ráđđi, Norðurskautsráðið,
Arktinen neuvosto, Issittumi Siunnersuisooqatigiit

Esses nomes correspondem, respectivamente, às seguintes línguas:

- a) norueguês, sueco, islandês, finlandês e groenlandês
- b) dinamarquês, sueco, islandês, russo e groenlandês
- c) sueco, sámi do norte, islandês, finlandês e groenlandês
- d) norueguês, feroês, islandês, francês e gwich'in
- e) sueco, sámi do norte, islandês, russo e groenlandês

— Bruno L'Astorina, Germano T. Martinelli

Resposta: C

O problema exigia principalmente acuidade sonora e atenção para reconhecer as palavras nas gravações. O nome do Conselho Ártico aparece duas vezes no início de todos os áudios: “O que é o Conselho Ártico? O Conselho Ártico é ...”, e em outros momentos ao longo da gravação.

De todas as línguas mostradas, a que possui o nome que mais se destaca é groenlandês, a única língua da família esquimó-aleúte. O nome do conselho em groenlandês (kalaallisut), a primeira coisa dita no áudio, é **Issittumi Siunnersuisooqatigiit** (*Issittoq* é ‘Ártico’ - de *issi*, ‘frio’ - e *siunnersuisooq* é ‘conselheiro’). Junto com groenlandês, a outra língua que usa uma palavra que não tenha a mesma raiz de ‘ártico’ é o islandês, uma língua germânica: **Norðurskautsráðið** (*Norðurskaut* é literalmente ‘a nortidão’, de *norður*, ‘norte’).

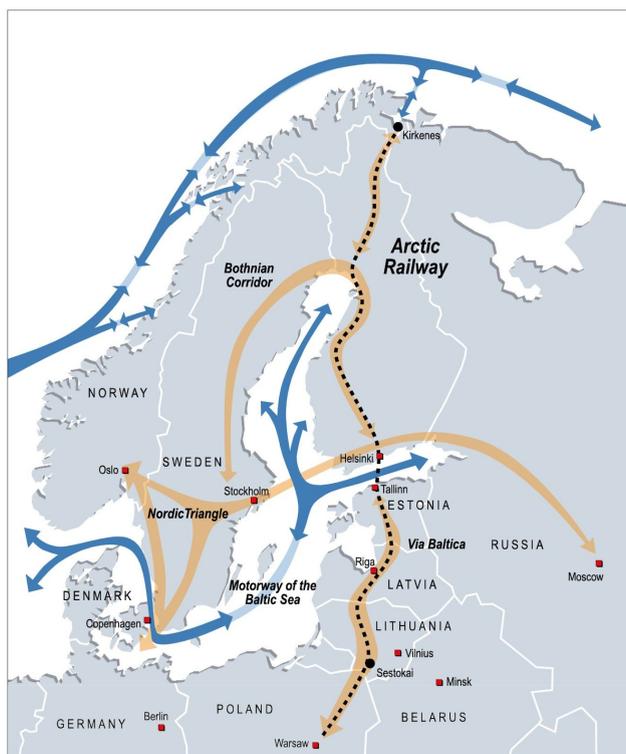
Depois disso, é fácil começar com as três grandes línguas indo-europeias presentes: inglês, francês e russo. Nestas línguas, o nome do conselho é, respectivamente, **Arctic Council**, **Conseil del’Arctique** e **Arkticheski Soviet** (Арктический совет). Junto com isso, era possível notar que em koyukon e gwich'in, duas línguas atabascanas faladas na América do Norte, usam o nome em inglês para o conselho: **Arctic Council**.

Restam então as línguas do Norte da Europa. Entre elas, predomina o radical escandinavo para ‘conselho’, que em islandês já vimos que tem a forma **ráðið**. A exceção a isso é o finlandês (suomi), uma língua urálica, que chama conselho de ‘neuvosto’ (assim, **Arktinen Neuvosto**). Sami também é uma língua urálica, mas utiliza o radical germânico: **Árktaš Ráđđi**. Com isso, sobram as línguas escandinavas, com nomes bastante similares entre si: **Arktiska Rådet** em sueco, **Arktisk Råd** em dinamarquês e em norueguês, **Arktiska Ráðið** em feroês.

#20 · Ciclo Ártico 2: Begganjunit

Quando pensamos em povos indígenas, a imagem que nos vem à mente é de habitantes das florestas tropicais, como é o caso da maior parte dos indígenas brasileiros. Mas é importante lembrar que existem povos originários em todos os climas ao redor do mundo – que, de uma forma geral, enfrentam lutas parecidas pelo seu direito à existência. É o caso dos povos indígenas do gélido Ártico, uma das regiões mais afetadas pelo aquecimento global. Este, infelizmente, é visto por uns como uma oportunidade de crescimento econômico através de abertura de rotas de comércio e extração mineral.

Um conflito desse tipo está se desenrolando na Finlândia – cujas partes envolvidas (na linguagem econômica, *stakeholders*) são os povos sámi, por um lado, e governos da Finlândia e Noruega, por outro. O objeto do conflito é a construção do chamado *Corredor Ártico*: uma grande ferrovia cruzando a Lapônia e conectando-a ao primeiro porto da União Europeia no Mar Ártico. Os governos federais e municipais o defendem alegando uma oportunidade ímpar de desenvolvimento econômico da região, expandindo a mineração (especialmente de ouro), a atividade madeireira e a exploração de petróleo nos mares árticos. Já os sámi e grupos ambientalistas apontam uma catástrofe igualmente ímpar, abrindo as portas para a exploração do último grande bioma “virgem” da Europa e desintegrando as condições de vida tradicional dos povos da região.



Mapa da planejada Ferrovia Ártica. Fonte: arcticcorridor.fi

Os povos sámi, falantes de línguas da família urálica (que inclui também finlandês, estoniano e húngaro), habitam essa região, estima-se, desde o fim da última era glacial. Ao longo dos milênios, eles desenvolveram uma relação bem próxima com o ambiente ártico e seus elementos, como as renas. Estes animais fornecem aos sámi não só carne e leite, mas couro e



pele para casas e roupas, ossos e chifres para ferramentas e armas, tendões para costura, outros tecidos para produzir instrumentos musicais, sacolas etc.

Embora tenham direitos constitucionais sobre sua língua e cultura e até mesmo um parlamento próprio, os sámi não têm direito formal sobre suas terras, tendo como instrumento apenas a pressão política nacional e internacional sobre o governo finlandês. Esse conflito é essencial para testar a efetividade de corpos internacionais como o Conselho Ártico em reconhecer direitos indígenas e questões ambientais, o que é crucial para o mundo a curto prazo.



Cartão postal: menina sámi e rena. Fonte: Papergreat.

Escolha a alternativa plausível quanto aos aspectos linguísticos da situação descrita no enunciado:

- a) O fato de a ferrovia ligar diretamente a Finlândia aos países bálticos (Estônia, Letônia, Lituânia) e à Polônia significa que sua construção poderia acelerar a entrada no vocabulário sámi de palavras referentes à cultura eslava.
- b) Embora a língua finlandesa e as línguas sámi sejam da mesma família linguística, estas sofreram poucas mudanças ao longo dos séculos, graças ao seu estilo de vida tradicional; em contraste, aquela sofreu grandes mudanças, graças à modernização e à urbanização progressiva da sociedade finlandesa.
- c) As línguas sámi possuem um grande vocabulário para descrever aparência, comportamento e hábitos das renas, como *sietnjanjuni*, uma rena que tenha pelo de nariz de uma cor diferente do resto do pelo, ou *duottarmiessin*, um filhote de rena que tenha sido criado nas montanhas na primeira parte de sua vida.
- d) Devido à extensão da própria ferrovia, a sua construção dividiria o território, bloqueando tanto o movimento migratório das renas e outros animais, golpeando duramente a biodiversidade local, quanto os movimentos humanos, acelerando processos de diferenciação entre línguas e afastamento cultural entre diferentes comunidades sámi.
- e) Por serem da mesma família linguística, é muito difícil, ao analisar o vocabulário sámi, determinar quais palavras são empréstimos de origem finlandesa e quais são palavras derivadas diretamente do seu ancestral comum, o proto-fino-permiano.

— Bruno L'Astorina, Germano T. Martinelli



Resposta: C

Este problema envolvia refletir e interpretar as interações do conflito político e econômico com a situação linguística dos povos tradicionais. Vejamos alternativa por alternativa:

A alternativa (a) é implausível por dois motivos. Um se refere à natureza do empreendimento: a ferrovia do Corredor Ártico seria para transporte de mercadoria, principalmente, e não de pessoas. Sua rota pelo território sámi seria principalmente uma rota de passagem, ou envolveria paradas apenas para escoar a produção de eventuais pontos de mineração ou de extrativismo de madeira - modelos industriais que não envolvem muita interação entre as populações. Do mesmo modo, a extração ilegal de madeira na Amazônia não aumenta significativamente as trocas culturais com os povos indígenas. O segundo motivo se refere à globalização já existente: o povo sámi, como boa parte (mas não todos) dos povos indígenas no mundo, já tem uma inserção significativa no mundo globalizado, através de TVs, computadores, celulares etc. Além disso, o deslocamento de pessoas já é bastante intenso e facilitado dentro da União Europeia, especialmente entre países próximos (que é o caso da Finlândia e dos Países Bálticos, facilmente acessíveis por viagens muito curtas de barca ou de avião). Portanto, é implausível que uma obra de infra-estrutura aumentasse significativamente o contato cultural na região.

Com relação à (b), a idealização dos povos tradicionais como “estáticos”, “intocados” ou “primitivos” é uma faceta tradicional da nossa visão preconceituosa sobre eles. Não existe cultura “pura”; todas elas estão interagindo umas com as outras e se modificando, em todas as épocas e lugares. O mesmo vale para as línguas. As sociedades humanas, de uma forma geral, estão sempre mudando, e os fatores de mudança da sociedade moderna são apenas uns poucos dentro de um mundo de possibilidades. Para citar um exemplo específico dos sámi, a dinâmica dos povos árticos é tradicionalmente uma dinâmica de nomadismo, movimentos e intenso contato linguístico, o que é atestado inclusive pela distribuição genética nos povos do norte da Américas e da Eurásia. Essa dinâmica de contato intenso provavelmente foi *desacelerada* com o assentamento em cidades, o que indica que a urbanização desfavoreceu, em alguma medida, a ocorrência de mudanças. Outro fator interessante é o fato de que línguas faladas por pequenas comunidades não costumam ter instrumentos de normatização como meios de comunicação em massa ou normas gramaticais, o que permite que suas variações naturais sejam mais facilmente negociadas, sem que se tente freá-las. Além disso, a criação de tecnologias não provoca necessariamente transformações na língua, mas impacta geralmente em um nível superficial, de criação de novos nomes para novos objetos. De fato, um grande vocabulário entrou no finlandês nos últimos séculos, mas isso não implica por si uma mudança estrutural significativa da língua. Em suma, tudo isso quer dizer que medir a “velocidade das mudanças” nas línguas é algo bastante complexo e dependente de muitos fatores históricos específicos, que de forma alguma pode ser resumido à dicotomia de “povos tradicionais mudam menos e povos modernizados mudam mais”.

Quanto à (d), é importante entender que, tanto na biologia quanto na linguística, os fenômenos de especiação biológica/diferenciação linguística acontecem quando existem barreiras *efetivas* entre os grupos, que causem um alto grau de isolamento. Contudo, o que serve como barreira para humanos e para outras espécies nem sempre é a mesma coisa. Uma floresta densa como a Amazônia, uma cadeia montanhosa como o Himalaia ou um rio largo e de fluxo rápido como o

Yangtsé são barreiras naturais que causam isolamento tanto de humanos quanto de outros animais terrestres (com relação a pássaros, outros fatores devem ser levados em consideração). Uma ferrovia pode gerar um impacto significativo na biodiversidade, porque pode ocasionar um grande número de atropelamentos e afastar os animais por conta dos ruídos e outros elementos exógenos. Ou, pior, se possuir cercas de proteção, ela pode efetivamente cortar as rotas migratórias. Entretanto, o mesmo não vale para humanos. Uma ferrovia é facilmente compreendida pelas pessoas (que afinal a constroem) e não representa nenhuma barreira física significativa. Basta pensar em todas as cidades que são cortadas por grandes ferrovias, sem que isso gere nenhum isolamento linguístico das duas partes da cidade -- é muito fácil cruzar uma ferrovia, legal ou ilegalmente. Ainda que em centros urbanos as ferrovias possam servir como marcos de segregação social, é válido considerar que a especialização linguística não decorre diretamente da malha ferroviária, mas de fatores políticos, sociais e geográficos que permitem que vias urbanas acentuem a desigualdade social. Mesmo que a ferrovia ártica fosse cercada e murada em toda a sua extensão, os grupos humanos construiriam pontes ou túneis onde considerassem necessário. Em suma, a ideia de que uma ferrovia isolaria povos humanos a ponto de gerar diferenciação linguística é implausível.

Quanto à (e), ser da mesma família linguística não necessariamente significa ter uma morfologia e fonologia semelhantes, independentemente do grau de separação. Na maioria dos casos, não temos dificuldade em reconhecer uma palavra que entre no português como empréstimo do espanhol ou do francês, mesmo que as três línguas sejam temporalmente próximas, derivadas do latim. Os linguistas, quando estudam empréstimos lexicais, usam diferentes métodos, seja analisar os padrões fonológicos das línguas e compará-los com seu histórico de transformações, seja analisar a plausibilidade semântica dos empréstimos - termos sámi relativos ao modo de vida de sociedades urbanizadas, tecnologia e comércio, por exemplo, têm muito mais chance de serem empréstimos do finlandês. Portanto, é implausível pensar que não se pode conhecer os empréstimos ou que as línguas finlandesa e sámi são “uma coisa só” por serem relacionadas.

A alternativa plausível, por fim, é a (c): as línguas falam daquilo que é importante para as sociedades em que existem. Povos de regiões frias podem ter um grande vocabulário para gelo, neve e nuances nas formas de congelamento da água (isso inclui o famoso e polêmico exemplo dos inuit, mas inclui também o inglês); povos que vivem na floresta podem ter uma grande variedade de palavras para descrever o verde das árvores ou as diferentes espécies de aves e cobras. É claro que “importância” vai além do ambiente físico em si e diz respeito muito mais a como as culturas se relacionam com aquele ambiente (povos diferentes em uma mesma floresta, por exemplo, podem dar importância para elementos diferentes da mesma). No caso dos sámi, com uma relação tão simbiótica com as renas, é natural que eles tenham diversos termos para distinguir os diferentes tipos de renas, seus hábitos, suas relações com as mesmas. Já nós, falantes de português, que vemos renas esporadicamente em filmes ou zoológicos, não precisamos de muito mais do que o nome da espécie e algumas palavras genéricas sobre comportamento e características físicas.



#21 · Ciclo Ártico 3: Quebrando o Gelo

Em maio de 2020, foi lançado o videoclipe a seguir, de uma canção em russo, chamada **Лейся, песня, на просторе!** (*Derrame-se, canção, pela amplidão!*), gravada a bordo do navio **50 лет Победы** (*50 anos da Vitória*), o maior quebra-gelo do mundo, movido a energia nuclear, nomeado em homenagem à vitória dos Aliados, especialmente os soviéticos, na Segunda Guerra Mundial.



<https://youtu.be/Ib1Knr6Ka5o>

Para analisarmos a forma e o significado do discurso construído pelo vídeo, precisamos de alguns elementos contextuais.

I. O clipe foi produzido como parte de um projeto educacional e cultural, de um universo parecido com o das Olimpíadas de Conhecimento. Neste evento, estudantes escolares com as melhores notas nas cidades fechadas russas (ЗАТО - do russo “закрытое административно-территориальное образование” - formação administrativo-territorial fechada) que contêm plantas nucleares foram convidados para uma expedição no Ártico. O evento foi sediado pela **Росатом** (*Rosatom*), a empresa estatal russa de energia nuclear.

II. Navios quebra-gelo são construídos para serem capazes de fraturar a crosta de gelo sobre a água marítima, e portanto são cruciais para abrir caminho a frotas civis ou militares em mares congelados.

III. A quantidade e potência dos navios quebra-gelo não são distribuídas uniformemente entre as nações. O seguinte infográfico feito pela Guarda Costeira norte-americana, de 1º de maio de 2017, apresenta o contingente de quebra-gelos do mundo:

<https://www.dco.uscg.mil/Portals/9/DCO%20Documents/Office%20of%20Waterways%20and%20Ocean%20Policy/20170501%20major%20icebreaker%20chart.pdf?ver=2017-06-08-091723-907>

Em relação à análise do clipe, escolha a alternativa implausível:

a) O uso de nomes de conquistadores e comandantes navais como Fiódor Ushakov e Vitus Bering para nomear navios indica o grande prestígio para um oficial da marinha russa que é alcançar o posto de comandar um quebra-gelo.

b) O clipe pode ser considerado um exemplo de *soft power* (lit. “poder suave”) por parte da Rússia, que tem como objetivo reforçar a visão de que a região ártica faz parte do destino manifesto do país.

c) A Rússia, através da agência Rosatom, ao escolher jovens estudiosos para compor o coral do clipe, constrói um *éthos*, uma imagem de si própria, como um país guiado por pessoas com inteligência, disposição e bom coração.

d) A proporção de quebra-gelos russos em relação aos demais países, mostrada no quadro de navios, pode ser considerada um exemplo de *hard power* (lit. “poder duro”) russo na região ártica – o que, no clipe, aparece de maneira suavizada pelo contexto educacional e artístico.

e) O final do clipe mostra os jovens levantando bandeiras de diversos países do mundo, mostrando que até mesmo a Rússia reconhece a necessidade de tratar as questões árticas em fóruns internacionais multilaterais.

— Germano T. Martinelli, Bruno L’Astorina

Resposta: E

Esse é um problema de análise do discurso, especificamente de análise de um outro evento similar a uma olimpíada. O clipe, uma publicação aberta da ROSATOM, procura passar uma imagem pública do evento e da empresa e podemos analisar que imagem seria essa. A escolha de uma música tradicional de marinheiros, dentro de uma comemoração dos 75 anos da vitória na Segunda Guerra Mundial, cantada por uma série de jovens talentosos escolhidos de toda a Rússia, passa uma imagem bem descrita pela alternativa (c).

De um modo geral, o clipe é uma boa aplicação do conceito de *soft power*, conceito que se tornou bastante importante nas décadas recentes, especialmente no campo da geopolítica. Podemos descrever o exercício de *soft power* como exercício de poder não através de força direta, mas de sedução e atração. Compare por exemplo o tom lúdico e artístico do vídeo deste problema com outras peças publicitárias associadas a campanhas militares, evocando principalmente grandeza, força física e tecnológica. Em suma, a alternativa (b) está também correta.

Por outro lado, estratégias de *soft power* tem frequentemente uma contraparte em poder convencional (*hard power*). Neste caso, a proposta supremacia russa sobre o Ártico não é só objeto de peças culturais, mas assegurado pela efetiva superioridade na capacidade de navegação russa naquela parte do mundo – o que é demonstrado pelo infográfico com os navios quebra-gelo. Esse fato, e também os nomes dos navios, são indícios de que estes navios devem possuir um grande prestígio dentro da marinha russa. Ou seja, (a) e (d) estão corretas.

Resta-nos a alternativa (e), que começa com um erro factual: as bandeiras ao final do clipe não são bandeiras de diversos países, mas das diferentes cidades russas representadas no grupo. Para que a alternativa estivesse correta, seria necessário encontrar bandeiras dos países com força política e econômica, como EUA, Alemanha, Inglaterra, Japão, China, etc, mas nenhuma dessas bandeiras aparece ali. Além disso, nada mais no clipe endossa uma postura multinacional: trata-se de um clipe comemorando uma vitória militar russa, a bordo de um navio russo, dentro de um programa educacional para jovens russos. Ou seja, trata-se tão-somente da presença russa no Ártico.

Para saber mais, recomendamos uma entrevista com o capitão do navio, Dmitri Lobusov, e esta matéria sobre o programa com os estudantes (ambas em russo):

- <https://poseidonexpeditions.ru/info-for-travelers/articles/intervyu-s-kapitanom-ledokola-50-let-pobedy/>
- <https://novayagazeta.ru/articles/2019/11/18/82765-90-00-0000-n>



#22 · Matis

Matis é uma língua da família Pano, falada às margens do rio Ituí, perto da fronteira com o Peru, no sudoeste da Amazônia. O povo matis, que hoje conta com 262 membros, só foi contactado no final dos anos 1970 e até hoje poucos matis tem domínio do português.

| | |
|------------------|-----------------------------|
| abi uxax | <i>Ele dormiu</i> |
| abi abadex | <i>Ele vai correr</i> |
| anbi txapa bedex | <i>Ele vai pegar peixe</i> |
| minbi tachi akek | <i>Você vai beber tachi</i> |
| minbi waka akak | <i>Você bebeu água</i> |
| mibi abadak | <i>Você correu</i> |
| ybi uxek | <i>Eu vou dormir</i> |
| ybi munudak | <i>Eu dancei</i> |

Nota fonética: y é a vogal central alta, entre u e i; x é como o 'x' em 'xícara', mas com a ponta da língua virada para trás; ch é 'tch' em 'tchau'.

Como se diz em matis: *eu vou caçar o peixe, ele tomou banho, ele dançou?*

- a) ybin txapa kapoek; abi nesax; anbi munudak
- b) ybi txapa kapoek; anbi nesak; abi munudax
- c) ynbi txapa kapoek; abi nesax; abi munudax
- d) ynbi txapa kapoek; anbi nesex; abi munudax
- e) ybi txapa kapoek; anbi nesek; anbi munudak

— João Henrique Fontes

Resposta: C

A partir dos nomes *tachi* e *waka* ('água'), é fácil notar que a ordem das frases é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Vamos olhar para cada tipo de termo:

- 1) Os objetos são três substantivos simples (*txapa*, *tachi*, *awa*), que não variam - ao menos dentro dos dados do problema.
- 2) Os sujeitos são pronomes, que tem a seguinte forma: **ybi** 'eu', **mi(n)bi** 'você', **a(n)bi** 'ele'. A dificuldade aqui é entender a alternância entre as duas formas: uma com **-n** no final da primeira sílaba, outra sem. Para visualizar melhor, podemos fazer uma tabela com as frases que tem as duas formas em colunas diferentes:



| | | | |
|--------------------|-----------------------|-------------------------|-----------------------------|
| abi uxax | <i>Ele dormiu</i> | anbi txapa bedex | <i>Ele vai pegar peixe</i> |
| abi abadex | <i>Ele vai correr</i> | minbi tachi akek | <i>Você vai beber tachi</i> |
| mibi abadak | <i>Você correu</i> | minbi waka akak | <i>Você bebeu água</i> |
| ybi uxek | <i>Eu vou dormir</i> | | |
| ybi munudak | <i>Eu dancei</i> | | |

Assim, é possível concluir que a forma com **n** só é usada em verbos transitivos, e não é usada em verbos intransitivos (tecnicamente, **-n-** é um infixo do *caso ergativo*, um caso de declinação utilizado quando o nome é agente de um verbo transitivo).

3) Os verbos são o elemento principal do problema. Podemos notar que eles são formados por uma raiz (ux-, abad-, ak-, bed-, munud-) seguida de um sufixo (-ak, -ax, -ek, -ex). Novamente, podemos reescrever e agrupar as frases de várias maneiras, para entender seu uso. Fazendo isso, concluímos que:

- **-a** marca passado, **-e** marca futuro
tecnicamente, **-a** marca o passado recente, **-e** marca o não-passado (ou seja, presente e futuro) e existem marcas específicas para outras formas de passado: não-recente (*-bo*), distante (*-bonda*), remoto (*-ampi*) e não-especificado (*-nda*).
- **-x** é usado para terceira pessoa, **-k** é usado para primeira e segunda
tecnicamente, esses prefixos são marcas de evidenciais em matis, ou seja, que dependem se o acontecimento foi experienciado diretamente, deduzido a partir de experiências, etc.

A tradução fica então:

eu vou caçar o peixe ⇒ **ynbi** (uso do **n** pois o verbo é transitivo)

txapa (peixe)

kapoek ('e' pois está no futuro, 'k' pois o sujeito é Eu)

ele tomou banho ⇒ **abi** (tomar banho é intransitivo, então não vai **n**)

nesax ('a' pois está no passado, 'x' pois o sujeito é Ele)

ele dançou ⇒ **abi** (dançar é intransitivo, então não vai **n**)

munudax ('a' pois está no passado, 'x' pois o sujeito é Ele)



#23 · Cantonês

O cantonês é o principal dialeto da família Yue, próxima do mandarim. Ele é falado por aproximadamente 80 milhões de pessoas no sul da China, mais especificamente na província de Guangdong (chamada tradicionalmente em português de Cantão). Abaixo estão algumas palavras em cantonês, transliteradas no sistema jyutping, e suas traduções em ordem aleatória:

haa syut, hoi mun, kau mun, mun cin, sau zi, sau kau, syut kau, zuk kau

abrir uma porta, gol (trave), futebol, handebol, dedo da mão, bola de neve, frente do portão, nevar

Notas: O cantonês é uma língua tonal, mas os tons foram omitidos deste problema. z é pronunciado como 'zz' em 'pizza'; c é a versão aspirada de z; yu é pronunciado como o 'ü' do alemão ou o 'u' do francês.

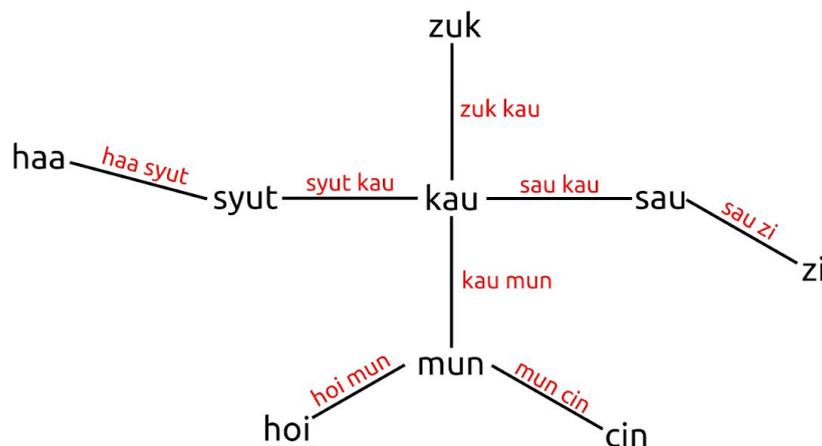
Como se diz em cantonês: *dedo do pé, basquete, ligar a luz?*

- a) zuk zi, sau laam, hoi dang
- b) zuk zi, laam mun, haa dang
- c) haa cin, laam kau, dang zuk
- d) haa cin, sau laam, haa dang
- e) zuk zi, laam kau, hoi dang

— João Henrique Fontes

Resposta: E

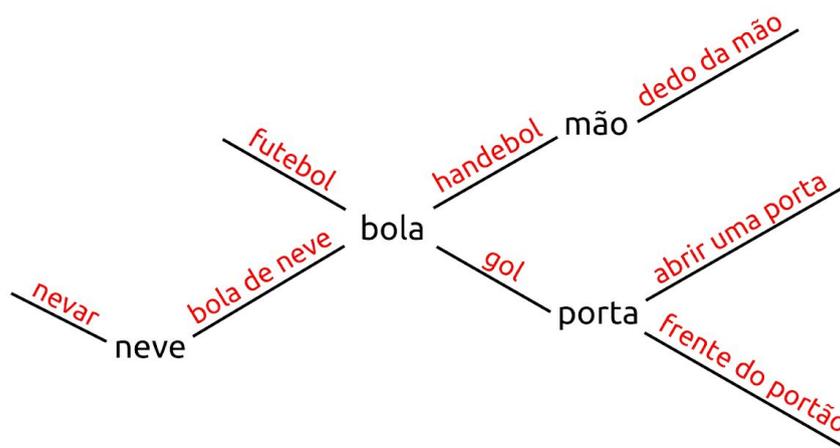
Problemas deste tipo, que envolvem traduções em ordem aleatória, são melhor aproveitados se organizarmos as palavras de um jeito visualmente compreensível. No corpus em cantonês, os elementos são sempre formados por duas palavras. Assim, podemos juntá-las em um grafo, em que cada traço (ou aresta) corresponde a uma das palavras do corpus, e cada vértice é um dos componentes das palavras.



Podemos perceber, dessa forma, duas palavras centrais no problema: **kau** (contida em 4 elementos) e **mun** (contida em 3 elementos).

Agora vamos analisar as palavras em português. De cara, vemos que entre *handebol*, *futebol* e *bola de neve* temos evidentemente a “bola”. Menos evidentemente, a palavra *gol* também se relaciona a “bola”. Outras palavras com algo em comum são *gol*, *abrir uma porta* e *frente do portão*, todas relacionadas de alguma forma com “porta”. Assim, “bola” é um traço comum entre quatro palavras e “porta”, a três palavras.

Com isso, podemos desenhar um grafo em português que seja análogo ao grafo em cantonês. Podemos notar ainda que, das quatro palavras que saem de “bola”: *gol* se conecta às “portas”; *handebol* se relaciona com *dedo da mão* (através de “mão”); *bola de neve* se relaciona com *nevar* (através de “neve”); *futebol* não se relaciona a nenhuma outra. Juntando tudo isso:



Desse modo, fica bem mais fácil comparar as palavras nas duas línguas.

Primeiro, podemos notar que **kau** é “bola”, **mun** é “porta” e **kau mun** é *gol*, a “porta da bola”. Com isso, percebemos que a ordem dos constituintes é modificador-núcleo ou possuidor-possuído (como se fosse “**mun da kau**”, ou “bola porta”).

Segundo, podemos analisar as demais ramificações de “porta”:

- Com isso, *frente do portão* (“portão frente”) só pode ser **mun cin**.
- Por eliminação, **hoi mun** é *abrir uma porta*, o que nos permite entender que o verbo vem antes do objeto (“abrir porta” e não “porta abrir”).

Terceiro, podemos analisar as ramificações de “bola”: **zuk kau**, **sau kau** e **syut kau** são, em alguma ordem, *bola de neve* (“neve bola”), *handebol* (“mão bola”) e *futebol* (“pé bola?”).

- Destas três, *futebol* é a que não se relaciona com outra, e por isso tem que ser **zuk kau**.
- *Dedo da mão* (“mão dedo”) tem a mesma ordem que *handebol* (“mão bola”); ou seja, só pode ser **sau zi**.
- *Nevar* deve ter uma estrutura parecida com *abrir uma porta*; podemos reinterpretar como “cair neve” ou algo com sentido similar; de toda forma, *neve* deve ser o segundo termo. De fato, o único termo que sobrou, **haa syut**, é compatível com isso.



Assim, entendemos todas os elementos do corpus (aqui escritos também em caracteres han):

| | | | |
|-------------|-------------------------|-------------|---------------------|
| haa syut 下雪 | <i>nevar</i> | sau zi 手指 | <i>dedo da mão</i> |
| hoi mun 開門 | <i>abrir uma porta</i> | sau kau 手球 | <i>handebol</i> |
| kau mun 球門 | <i>gol</i> | syut kau 雪球 | <i>bola de neve</i> |
| mun cin 門前 | <i>frente do portão</i> | zuk kau 足球 | <i>futebol</i> |

Podemos agora descobrir as palavras requisitadas:

- *dedo do pé* é a junção de **zuk** (pé) e de **zi** (dedo), nesta ordem: **zuk zi** (足指).
 - *basquete* deve ter a mesma forma de *handebol* e *futebol*: ____ **kau**. Dentre as alternativas, só pode ser **laam kau** (籃球).
 - *acender uma luz* não pode ser **dang zuk** pois **zuk** é pé. Olhando para as outras opções nas alternativas, vemos que pode ser ou **hoi dang** (com o verbo “abrir”) ou **haa dang** (com o verbo “cair”). Dentre as duas opções, “abrir a luz” é a que faz mais sentido; ou seja, deve ser **hoi dang** (開灯).
-

#24 · Corona



<https://youtu.be/BtulL3oArQw>

No início de 2020, enquanto estávamos engatinhando diante da pandemia de COVID-19, muitos países asiáticos, com a experiência acumulada de outros eventos epidêmicos nos anos recentes, já tinham clareza sobre as medidas públicas necessárias – e por isso conseguiram manter o número de mortos em níveis muito mais baixos que o resto do mundo.

Foi o caso do Vietnã que, até 15 de setembro de 2020, acumulou apenas 35 mortes por COVID no total! No início do ano, viralizou uma música produzida pelo governo para instruir os cidadãos. Essa música foi tema de um dos problemas da Olimpíada Pocket sobre o coronavírus. Veja o vídeo acima e ative as legendas para o português.

Marque qual dos elementos da língua vietnamita não pode ser deduzido da música:

- a) **Em** pode funcionar como pronome “ele/ela”, enquanto **quê** significa “cidade, vila, etc.”
- b) **Tay** é “mão”, e podemos descobrir também como se diz olho, nariz e boca.
- c) **Lùi** é o artigo definido masculino, como nosso “o”.
- d) Vietnamita tem *preposições*, ou seja, partículas que vêm antes, e não depois, dos nomes – como **của**, que indica posse e **ở**, que indica local.
- e) Advérbios, tais como **chắc chắn**, e conjunções, como **tuy** e **nhưng**, podem aparecer no início das orações.

— Bruno L’Astorina

Resposta: C

Enquanto o problema 3 se resumia a ouvir atentamente a música e reconhecer como os versos são pronunciados, este problema 24 explora o quanto podemos entender da estrutura de uma língua a partir da letra da música. Para isso, é essencial ter ativado as legendas em português.

Vamos olhar alternativa por alternativa.

- a) **Em** pode funcionar como pronome “ele/ela”, enquanto **quê** significa “cidade, vila, etc.”
- d) Vietnamita tem *preposições*, ou seja, partículas que vêm antes, e não depois, dos nomes – como **của**, que indica posse e **ở**, que indica local.



Vamos comentar a (a) e a (d) juntas, pois podemos deduzi-las do mesmo conjunto de frases. No início da música, temos estes dois versos (0:17 e 0:22):



Tên của em ấy Corona
O nome dele é Corona



Em từ đâu? Quê của em ở Vũ Hán
De onde é? É de Wuhan

com uma estrutura parecida: (**Tên/Quê**) của em (ấy Corona/ở Vũ Hán). Isso é um forte indicativo que **tên** significa 'nome' e **quê**, 'cidade'. De fato, nem 'nome' nem **tên** aparecem em outra parte da música.

Entendido isso, vamos analisar o resto dessas frases. **Em** poderia ser entendido como 'é', mas essa hipótese pode ser descartada em outros versos que não têm 'é', como

Bao người phải chết vì chính em
Muitos morreram por causa disso

O que este verso tem em comum com os é o pronome que retoma o Corona, *ele/isso*. Isso indica que (a) está correta. Além disso, em **của em**, **của** deve indicar posse, para formar "de ele" (nome dele / cidade dele). Essa partícula aparece também no verso:

Cùng nâng cao ý thức của xã hội
Vamos melhorar nossa consciência social

onde ela deve compor "nossa" ou "da sociedade" – o que confirma sua função possessiva.

Nas duas frases iniciais, faltam **ấy em ấy Corona** e **ở em ở Vũ Hán**. No primeiro caso, **ấy** pode ser alguma partícula nominalizadora ou algo desse tipo, que introduza o nome do vírus (não precisamos entender completamente sua função, neste primeiro momento). No segundo caso, como sabemos que o que está sendo respondido é o local de origem do vírus (Wuhan), é provável que **ở** seja alguma partícula locativa (como 'em') ou de origem (como 'de') – fazendo, em qualquer caso, a função de uma preposição. Isso tudo indica que (d) está correta.

s anteriore

b) Tay é “mão”, e podemos descobrir também como se diz olho, nariz e boca.

Tay aparece apenas duas vezes na música (0:47 e 0:50):



Cùng rửa tay xoa xoa xoa xoa đều
lave as mãos, esfregue uniformemente



Đừng cho tay lên mắt mũi miệng
não toque nos olhos, nariz, boca

Olhos, nariz e boca são fáceis de se compreender pela imagem.

Na primeira frase, **xoa** deve ser o verbo “esfregar”. **cùng** não pode ser “mão” nem “lavar” pois aparece em outro momento da música:

Cùng nâng cao ý thức của xã hội
Vamos melhorar nossa consciência social

rửa e **đều** só aparecem aqui. Temos então que **rửa**, **đều**, **tay** devem ser, em alguma ordem, *lavar*, *mãos*, *uniformemente*.

Na segunda frase, apenas **tay** aparece novamente e, como a segunda frase não tem nada relacionado a “lavar” ou “uniformemente”, então **tay** só pode ser mão. Essa hipótese é reforçada pela aparição de uma mão com X vermelho sobre os elementos do rosto; podemos deduzir então que a segunda frase se traduza literalmente por “não ponha a mão nos olhos, nariz, boca”.

e) Advérbios, tais como **chắc chắn**, e conjunções, como **tuy** e **nhưng**, podem aparecer no início das orações.

Chắc chắn aparece em dois versos (0:33 e 0:41, e depois se repetem):

Chắc chắn ta nên đề cao cảnh giác
Definitivamente, temos que ficar alertas

Chắc chắn ta nên quyết tâm tự giác
Nós definitivamente temos que ser responsáveis



Em ambas, parece plausível pensar que as duas primeiras palavras sejam o advérbio “definitivamente”, “certamente”, algo do tipo.

Se ficarmos em dúvida, podemos procurar as outras aparições de **ta**, no final da música (a partir de 2:50):

Việt Nam ta quyết thắng bệnh dịch

Vietnã ousa vencer a pandemia

Hôm nay ta sẵn sàng

Se estamos prontos hoje

Thì ngày mai ta luôn luôn vững vàng

Estaremos prontos amanhã

O traço comum entre essas palavras é o “nós” (e talvez a primeira frase fosse melhor traduzida como “Nós do Vietnã ousamos vencer a pandemia”), o que é compatível com o início das frases anteriores, “nós devemos”).

Quanto ao **tuy**, ele também aparece duas vezes (1:28 e 1:38)

Tuy nhỏ bé, nhưng mà em rất tàn ác

Mesmo que seja pequeno, é muito cruel

Tuy rằng khó, nhưng toàn dân đang cố gắng

Mesmo que seja difícil, mas nosso pessoal está se esforçando



Neste caso, parece que temos duas frases separadas por vírgula, articuladas pelo par de palavras **tuy** e **nhưng**. Com isso, fica claro que esse par articula a concessão “ainda que... temos que...”. Como bônus, podemos descobrir que **nhỏ bé** tem o sentido de “pequeno” e **rằng khó** tem o sentido de “difícil” (talvez com algum outro elemento gramatical que não precisamos explorar).

c) **Lùi** é o artigo definido masculino, como nosso “o”.

Lùi só aparece em uma frase (0:55 e repete):

Đẩy lùi virus Corona

Empurre o vírus Corona

Nessa frase, um observador desatento poderia pensar que **lùi** é o artigo “o”, em “o vírus Corona”. Essa hipótese, contudo, não se confirma no resto da música. Uma língua que possui artigo tende a usá-los

muitas vezes ao longo de um texto – em boa parte das vezes que algum substantivo aparece. Nem **lui** nem nenhuma outra palavra aparece com a frequência esperada na música. Mesmo em palavras que já vimos, como “as mãos”, “os olhos”, “o nome dele” etc, não há nenhuma palavra em vietnamita que faça esse papel. Disso, só podemos concluir que a língua vietnamita não possui artigos. Portanto, esta é a alternativa incorreta.



Por fim, vale comentar que esta música, *Ghen Cô Vy* é cantada pelos artistas pop vietnamitas Erik e Min e trata-se de uma paráfrase do seu sucesso *Ghen* (“ciúmes”), que pode ser assistido aqui: https://www.youtube.com/watch?v=Vvk8_oQaJr3I